



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

CINEMA E AUDIOVISUAL

QUEM FOI MEU PAI
ROTEIRO DE LONGA-METRAGEM

RAÚL VICTOR DA SILVA KLEMP

Foz do Iguaçu
2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

CINEMA E AUDIOVISUAL

QUEM FOI MEU PAI
ROTEIRO DE LONGA-METRAGEM

RAÚL VICTOR DA SILVA KLEMP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Allan Mendes Ramalho

Foz do Iguaçu
2025

RAÚL VICTOR DA SILVA KLEMP

QUEM FOI MEU PAI
ROTEIRO DE LONGA-METRAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fábio Allan Mendes Ramalho
(UNILA)

Prof. Dr. Eduardo Dias Fonseca
(UNILA)

Prof. Me. Kira Santos Pereira
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 11 de março de 2025.

A todos que de alguma forma passaram por mim ou fizeram parte dessa trajetória de sete anos de graduação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha mãe, Susana, e meu pai, José, que estiveram, e tenho plena certeza que sempre estarão incondicionalmente ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Quero agradecer também a minha irmã, avós, tias e tios, pelo amor e por me incentivaram fervorosamente todos os dias a não desistir dos meus sonhos.

Agradeço aos meus amigos, em especial Moisés Luna, por me acolherem em meus momentos de dificuldade, pela paciência e por sempre se manterem verdadeiros e fieis ao mais profundo significado da palavra amizade.

Ao meu orientador Dr. Fábio Allan Mendes Ramalho, o meu mais sincero obrigado pela paciência e por toda orientação durante esse processo árduo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso III. Serei sempre profundamente grato pelos conselhos, ensinamentos e incentivos dados em cada fase desse processo.

Agradeço também o Corpo Docente do curso de Cinema e Audiovisual da UNILA por cada momento precioso durante esses sete anos de ensinamentos. Vocês tornaram possível a realização de um sonho, não apenas para mim, mas para todas os egressos que trilharam o caminho da graduação.

Não somos seres selvagens idealizados. Somos seres mortais imperfeitos, conscientes dessa mortalidade mesmo enquanto tentamos afastá-la, falhos por nossa própria complexidade, tão programados que, quando lamentamos nossas perdas, também lamentamos, para melhor ou para pior, a nós mesmos.

Joan Didion

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso consiste no desenvolvimento de um roteiro de longa-metragem, cujas temáticas exploram questões de paternidade, temporalidade, construção de memória e transgressões sociais por meio do gênero cinematográfico de filmes de estrada. Para que o projeto pudesse ser elaborado, foi realizado um processo de coleta e análise de depoimento pessoal, seguido por pesquisas acerca da temática central do filme para posterior produção do roteiro. Também foram utilizados como embasamento os conceitos do gênero de filmes de estrada desenvolvidos por David Laderman e as teses de escrita criativa para roteiros de longa-metragem de Robert McKee.

Palavras-chave: roteiro de longa-metragem; filme de estrada; luto; paternidade.

RESUMEN

Este Trabajo de Finalización de Curso consiste en la elaboración de un guión de largometraje, cuyas temáticas exploran cuestiones de paternidad, temporalidad, construcción de la memoria y transgresiones sociales a través del género cinematográfico de road films. Para el desarrollo del proyecto se llevó a cabo un proceso de recopilación y análisis de declaraciones personales, seguido de una investigación del tema central de la película para la posterior producción del guión. También se utilizaron como base los conceptos del género road movie desarrollados por David Laderman y las tesis de escritura creativa para guiones de largometrajes de Robert McKee.

Palabras clave: guión de largometraje; película de carretera; dolor; paternidad.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA	12
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
4 STORYLINE	21
5 SINOPSE	22
6 ROTEIRO	24
7 RELATÓRIO CRÍTICO	143
8 ANEXOS	146
ANEXO A – REGISTRO DE ROTEIRO	146
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FILMOGRÁFICAS	147

1 APRESENTAÇÃO

O presente projeto intitulado Quem Foi Meu Pai - Roteiro de Longa-Metragem foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, o qual foi elaborado por Raúl Victor da Silva Klemp.

Quem Foi Meu Pai é um roteiro de longa-metragem do gênero de filmes de estrada com duração prevista de aproximadamente uma hora e quarenta e cinco minutos. A iniciativa do projeto se deu durante o relato pessoal dado por Juliana Bargas¹ (2021). Nele, Juliana conta que seu pai, antes de falecer, a pediu que após sua morte, ele fosse cremado e suas cinzas fossem jogadas no rio Amazonas, principal rio de sua cidade natal, Manaus (informação verbal). Concomitante a esse relato, uma pesquisa sobre as cinco fases do luto defendida por Elisabeth Kübler-Ross em seu livro *Sobre a Morte e o Morrer* (1969) foi realizada, e assim, notou-se que o luto e a morte eram temas que, por possuírem uma característica abstrata envolta tanto pela ciência quanto por misticismo, era passível de ampla exploração em um roteiro de longa-metragem.

No entanto, para dar corpo ao projeto, foi necessário uma segunda fase de pesquisas, mas dessa vez não apenas com enfoque na temática, mas também no ofício da escrita criativa para roteiros de cinema. Desse modo, o livro de Robert McKee (2006) foi utilizado para embasamento teórico e aplicação prática de técnica de escrita de personagens, arcos dramáticos e estruturas narrativas de roteiro.

Junto ao refinamento da escrita, o enredo da história a ser contada foi tomando volume através do estudo de literaturas e cinematografias. Com relação às literaturas, a obra *O Ano do Pensamento Mágico* (DIDION, 2005) valeu-se para entender mais sobre o comportamento humano diante do luto. No eixo referente ao gênero do filme de estrada, a biografia utilizada para compreender as características do gênero filmográfico escolhido para a narrativa do filme foi *Driving Visions: Exploring the Road Movie* (LADERMAN, 2002) e alguns artigos que tratassem o *road movie* no contexto da cinematografia nacional brasileira, sendo eles *O road movie nas rotas de fuga do árido cinema de Pernambuco* (MANSUR, 2008) e *A propósito do gênero road movie no Brasil: um romance, uma série de TV e um filme*

¹ Informação verbal concedida por Juliana Bargas, em agosto de 2021, por meio de entrevista.

(PAIVA, 2009).

Por meio dessas pesquisas, *Quem Foi Meu Pai* foi sendo construído para dialogar com a cultura e a sociedade brasileiras, com dinâmicas já populares na filmografia nacional, como uma viagem de carro pelo interior do Brasil. Dessa maneira, o texto tende a conectar-se com o público enquanto evoca discussões a respeito de luto e aceitação, morte e legado, relações familiares, transgressão de normas sociais e autodescoberta.

2 JUSTIFICATIVA

No período de 2020 e 2021, em diversas aulas da graduação, tive contato com a escrita de roteiro para diferentes formatos audiovisuais, como curta-metragens, séries de televisão, propagandas, *fashion films* e outros. Esses contatos frequentes foram enriquecedores, pois me prepararam, mesmo que inconscientemente, para futuramente desenvolver o projeto aqui presente. Em especial, ressalto o projeto de curta-metragem “Os dias de Glórias” desenvolvido nesse período em conjunto com o discente Moisés Luna, pois se tornou uma das vivências mais marcantes que vivi com escrita de roteiro devido ao seu processo tão particular de pesquisa e aos resultados que obtivemos, posteriormente, com a obra na disciplina de Projetos Multimídias Transnacionais.

No entanto, escolher um projeto de longa-metragem como Trabalho de Conclusão de Curso não foi uma escolha tão intuitiva no início. Como resultado da pandemia do Covid-19 e, em consequência, as aulas remotas, as opções de TCCs práticos acabaram sendo limitadas devido a medidas de proteção de saúde pública, deixando, assim, apenas algumas modalidades elegíveis a esse processo. Logo, diante do meu contato frequente nos últimos dois anos com a escrita criativa, me ocorreu que estivesse mais preparado para seguir com essa modalidade.

Ademais, a Pandemia do Covid-19 também corroborou para trazer o luto e morte como pautas do trabalho presente, em vista do cenário trágico de saúde no país durante o enfrentamento da Covid. De 2020 a 2025 foram mais de 715 mil óbitos confirmados pela doença em solo brasileiro, sendo o período com maior quantidade os anos de 2021 e 2022 (BRASIL. Ministério da Saúde), levando, assim, concomitantemente o luto e a morte à casa de milhões de brasileiros durante o período mencionado.

Outro ponto que conflui para que esse projeto fosse realizado com a temática escolhida foi o fato de eu haver realizado, em grupo, projetos e pesquisas no eixo temático do luto. Creio que esse tema surgiu de uma consciência coletiva, durante a disciplina de Arte e Tecnologia, para que os discentes conseguissem lidar com um assunto tão presente naquele momento diante das milhares de vidas perdidas em decorrência do período pandêmico: a morte e a perda de pessoas próximas.

Por último, justifico que realizar um projeto da dimensão de um roteiro de

longa-metragem como Trabalho de Conclusão de Curso, para além de trabalhar conteúdos que me são em especial estimados, é uma forma de colocar habilidades que adquiri durante a graduação em prática e construir um projeto que possa ser futuramente de grande valia para minha carreira profissional.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os filmes de gênero de estrada são parte integral da cinematografia de diversas culturas, tanto ocidentais quanto orientais. Nesse gênero, a estrada é a protagonista da tela, e para além do elemento cenográfico principal, se torna também o elemento estruturante da narrativa. Ou seja, é a estrada quem dita os principais pontos de virada durante a história. Assim, foi baseando-se nesse princípio e em outras características de road movies que o roteiro de longa-metragem *Quem Foi Meu Pai* foi desenvolvido.

Em seu livro *Driving Visions: Exploring the Road Movie* (2002), David Laderman mapeou o surgimento do gênero de filmes de estrada. Em sua tese, a literatura de viagem do final do século XIX e início do século XX, além da cultura automotiva dos anos 1950 e dos filmes do período do cinema clássico de Hollywood, lançaram as bases para mais tarde o gênero de estrada se apropriar das temáticas de deslocamento e marginalidade. No entanto, é apenas nos anos 1960 que aparecem os primeiros filmes do gênero com características mais definidas, trazendo a estrada como um ambiente de contracultura e rebeldia ao colocar valores sociais distintos em oposição.

A estrutura narrativa de *Quem Foi Meu Pai* foi pensada para seguir os princípios básicos das narrativas do gênero de estrada mencionados anteriormente, atentando-se ao que é “A força motriz que impulsiona a maioria dos filmes de estrada, em outras palavras, é a aceitação da jornada como um meio de crítica cultural.” (LADERMAN, 2002, p. 1). Na história de *Quem Foi Meu Pai*, a crítica cultural é construída colocando-se dualidades em conflito, como o novo e o velho, a transgressão e o status quo.

Esse tipo de composição narrativa que acompanha os filmes de história de viagem é bem popular entre o público brasileiro, visto que na cinematografia nacional há grandes obras de amplo conhecimento pelo público, como *Central do Brasil* (Walter Salles, Brasil, 1998), *Na Estrada* (Walter Salles, Brasil, 2011), *Cinema, Aspirinas e Urubus* (Marcelo Gomes, Brasil, 2005) e outros. Entretanto, vale ressaltar que o gênero de filme de estrada no Brasil leva suas próprias características, se distanciando de outras apontadas por Laderman (2002). Em *A propósito do gênero road movie no Brasil: um romance, uma série de TV e um filme de estrada* (2009), Paiva aponta que:

David Laderman, por exemplo, uma importante referência no assunto, afirma que “o road movie surge como uma manifestação dinâmica da fascinação da sociedade americana pela estrada” (2002, p. 2).³ A sociedade americana, no caso, refere-se eminentemente aos Estados Unidos. Ou seja, é possível que, ao construir a história do gênero, alguns historiadores deixem de considerar a possibilidade de experiências diversas. (PAIVA, 2009, p. 3)

Em vista disso, o gênero de filme de estrada, após sua incorporação na cinematografia nacional a partir dos anos 60 (Mansur, 2008), encontra no Brasil uma nova geografia, um novo meio social e uma nova cultura em contraste com a típica película de estrada estadunidense. Logo, as transformações culturais que o gênero do road movie propõe tomam uma nova roupagem para se adequar ao cenário nacional e dialogar de maneira mais eficaz com seu público.

Portanto, para que o processo de transgressão da cultura nacional por meio de oposições se fizesse mais inteligível para o público, optou-se por uma narrativa verossímil em *Quem Foi Meu Pai*. Logo, personagens, tempos, espaços e situações são desenhados com traços mais realistas, objetivando permitir ainda uma identificação mais fácil do espectador para com a obra. Cabe ainda pontuar, para melhor definir a moral, ética e comportamentos trabalhados no texto, que tanto a cultura quanto as sociedades da diegese da obra são a cultura e sociedade brasileiras dos anos 2010 e das décadas de 1960 e 1970.

A ideia que deu início ao desenvolvimento de *Quem Foi Meu Pai* foi construída a partir da coleta de um relato pessoal de Juliana Bargas, pessoa conhecida ao autor, concomitante a estudos dos textos de Elisabeth Kübler-Ross em seu livro *Sobre a Morte e o Morrer* (1969), no qual a autora tece um pensamento analítico sobre o luto por meio de uma abordagem fenomenológica e humanista sobre prováveis cinco fases do mesmo. Já o relato de Juliana consiste em uma história sua, quando a mesma enviou as cinzas de seu pai para a cidade de Manaus de avião, para que fossem jogadas no rio Amazonas. A partir desses dois pontos, surge uma vontade de unir os estudos sobre o luto de Kübler-Ross com a premissa do relato e, assim, desenvolver um texto de longa-metragem em torno das temáticas de vida e morte.

Com a premissa inicial já definida, fez-se necessário aprofundar estudos em dois tópicos: sobre o fazer da escrita de roteiro e sobre a vivência do luto e seus desdobramentos no comportamento humano. O primeiro tópico, referente aos estudos de escrita de roteiro e construção de estruturas narrativas cinematográficas,

foi reiterado por meio de leitura e revisão da obra *Story: Substância, Estrutura, Estilo e Princípios da Escrita de Roteiros* (MCKEE, 2006).

Já com relação ao segundo tópico, foi necessário ampliar o panorama da temática para criar uma trama central mais coesa, visto que o luto é um assunto denso e com uma característica metafísica muito presente, o que dificulta trabalhá-lo como objeto de foco e transportá-lo a um universo de imagens palpáveis. Nessa busca, a obra *O Ano do Pensamento Mágico* (DIDION, 2005) foi eleita para compor parte da pesquisa. Em seu livro, Didion (2005) faz um relato pessoal sobre sua experiência de luto e pós luto após o falecimento de seu marido John Gregory Dunne. Esses relatos não são apenas sobre o comportamento da protagonista em primeira pessoa, mas também contam sobre sua pesquisa pessoal para entender o luto vivido pela personagem-autora.

De volta ao design narrativo, McKee (2006) defende que para que haja um texto rico e atrativo, o protagonista deve passar, logo no início do filme, por um incidente incitante, seja esse negativo ou positivo, o qual cria um desejo no personagem de restaurar o equilíbrio da história. Logo, o próximo passo seria adaptar a premissa de *Quem Foi Meu Pai* utilizando a pesquisa sobre luto a fim de criar um incidente incitante com potencial suficiente para uma história de gênero de estrada.

Para que a premissa fosse melhor desenvolvida, uma pesquisa filmográfica foi realizada em busca de títulos que carregassem características de *road movies* e que desenvolvessem a temática do luto e da morte em suas narrativas. Desse modo, ficou mais fácil entender como trabalhar as temáticas junto às características dos filmes de estrada. Assim, as obras selecionadas e analisadas durante a pesquisa foram *Pequena Miss Sunshine* (Valerie Faris; Jonathan Dayton, Estados Unidos, 2006), *Central do Brasil* (Walter Salles, Brasil, 1998), *Aqui é o Meu Lugar* (Paolo Sorrentino, Itália, 2012), *Colegas* (Marcelo Galvão, Brasil, 2013), *Y tú mamá también* (Alfonso Cuarón, México, 2001), *Joan Didion: The Center Will Not Hold* (Griffin Dunne, Estados Unidos, 2017) e *A História da Minha Família* (Claudio Cupellini, Itália, 2025).

Após estudos e adaptações da ideia primária, a premissa foi alterada para contar a história de Kauê, um jovem adulto que carrega sozinho o peso de saber que seu pai, Moacir, está acometido por um câncer em estágio terminal. No entanto, mesmo com uma condição de saúde delicada, Moacir manifesta um desejo de viajar

para Brasília para visitar um velho amigo. Em meio a isso, Kauê se vê dividido entre preservar a saúde do pai ou atender a esse possível último pedido. O filho acaba cedendo aos desejos do próprio pai e de seus amigos, Vitor e Fernando, que o convencem e o acompanham durante a viagem.

Após o desenvolvimento de uma melhor premissa, se deu o início do processo de elaboração do desenho dos arcos narrativos por meio da escrita do argumento e escaleta da obra. Levando em conta alguns princípios de McKee (2006), a estrutura do texto foi dividida em três atos. No primeiro há a apresentação dos personagens, o evento incitante da trama principal e suas complicações progressivas.

É importante ressaltar que Laderman (2002) também aponta a autodescoberta dos personagens como uma característica comum dos filmes de estrada, e em *Quem Foi Meu Pai* pai não é diferente. Ao passo que a viagem acontece no mundo exterior, ela também ocorre no interior das personagens e em suas psiques. Enquanto no mundo físico, Moacir procura chegar à casa de seu melhor amigo para revê-lo, no campo psicológico sua busca é por redenção. Todavia, seu arco acaba por ser completado apenas por Kauê, pois sua morte o impede de seguir em vida durante a jornada e força Kauê a enfrentar as questões não resolvidas do pai. No fim, seu reencontro ocorre de forma simbólica nos momentos em que a carta que escreveu para Ananda e Clara chega finalmente ao seu destino, e quando Kauê despeja suas cinzas no rio Amazonas.

Como protagonista da narrativa, Kauê tem seu arco marcado primeiro por ressentimento com relação à decisão de Moacir sobre a viagem, e depois pela necessidade de conhecer o passado de seu pai e a reconciliação com sua memória póstuma. No primeiro ato, Kauê carrega uma aversão em relação à atitude tomada pelo pai e aceita levá-lo até Brasília apenas por obrigação com sua figura de autoridade paterna. Diante disso, durante o tempo em que Kauê e seu pai convivem juntos no ambiente do carro, os momentos de diálogos e silêncios construídos entre os personagens marcam uma atmosfera emocional de instabilidade, principalmente da parte de Kauê.

Outro fator que ocorre junto à questão paterna está na circunstância de Kauê se tornar objeto de desejo, seja esse romântico ou por atenção, por Fernando e Vitor. Com esse acúmulo de sentimentos e a ruptura da história no clímax do primeiro ato com a morte de seu pai, Kauê se vê entre duas possibilidades para si:

buscar respostas para o passado e talvez para seus sentimentos ou tentar ignorar tudo com a possibilidade de viver uma vida de arrependimento, tal qual seu pai viveu.

Desse modo, Kauê busca conhecer o passado de Moacir a fim de compreender as ações tomadas por seu pai e tentar conhecer outros traços e versões de Moacir. No fim, a reconciliação com o passado de Moacir não acontece da maneira como o personagem idealizou. Entretanto, Kauê passa a entender que é possível continuar com sua vida e com uma visão afetiva positiva de seu pai sem deixar que os erros do passado definam suas relações.

Esse personagem, suas ações, reações e comportamentos foram construídos por meio dos relatos que Didion (2005) traz em seu livro, sobre como a mesma reagiu em meio ao acontecimento da morte de um parente próximo. Em relação a dor da morte, a autora-personagem afirma que:

A dor pela morte de uma pessoa amada é diferente. Não há distância. Vem em ondas, paroxismos, apreensões súbitas que enfraquecem os joelhos, cegam os olhos e cancelam a normalidade da vida. Praticamente, todos que já vivenciaram essa dor mencionam o fenômeno das 'ondas'. (DIDION, 2005, p. 31)

Em outra parte, Didion (2005) afirma racionalizar situações onde teve que lidar com sentimentos difíceis, como visto em “Em tempos difíceis, me ensinaram desde criança, eu devia ler, aprender, investigar, recorrer a literatura especializada. Informação é controle.” (DIDION, 2005, p. 47). Através desses estudos, análises e relatos feitos por Didion (2005), foi possível adaptá-los ao arco de desenvolvimento de Kauê, o tornando mais verossímil com situações do mundo real. Em suma, o arco de Kauê expressa que as pessoas e suas relações são complexas, que as situações da vida moldam e influenciam as ações do homem e que algumas respostas para perguntas que são feitas nunca virão.

Indo para os coadjuvantes, o primeiro a ser apresentado é Fernando. O personagem inicia o texto em meio a uma dinâmica de controle social e obediência. Por conta de uma criação rigorosa, Fernando nunca teve a liberdade de fazer escolhas por si e, conseqüentemente, sente dificuldade em expressar suas emoções e desejos. Além disso, ele guarda para si um amor platônico por Kauê, o protagonista, o que com o passar do tempo gera ansiedades e sofrimentos para o mesmo. Com relação a Vitor, suas interações são inicialmente marcadas por provocações e uma rivalidade, pois Vitor é um personagem que age de forma direta

e despreocupada, e representa tudo aquilo que Fernando anseia ter: livre arbítrio.

Com o seguimento da viagem, Fernando percebe que ele não consegue esconder totalmente seus sentimentos. Esse tipo de comportamento acaba gerando momentos de tensão, culminando no clímax do segundo ato com uma briga entre o próprio Fernando e Vitor.

No entanto, é apenas no momento em que Fernando tem uma conversa sincera com Sarahí (personagem que assume papel de mentora a partir do segundo ato do filme) que ele ousa falar de si mais abertamente e se permite ser vulnerável. Ao fim do terceiro ato, o personagem se reconcilia com Vitor e se dá conta de que o amigo nunca o julgou por seus sentimentos, mas que o próprio Fernando se julgava e se reprimia em vista de possíveis julgamentos sociais. Após adquirir essa consciência, Fernando decide não voltar para São Paulo, dando a si uma chance de viver uma vida sem ver-se obrigado a cumprir as expectativas dos outros. Em suma, o arco de Fernando é sobre liberdade e autenticidade. O personagem começa como alguém reprimido, que tem medo de ser quem é, e termina como alguém que, mesmo sem todas as respostas, escolhe se libertar.

Passando para o outro coadjuvante da história, Vitor apresenta um arco que consiste em um início com uma busca para sentir-se valorizado frente aos seus amigos. A viagem surge para ele como uma oportunidade de fazer algo divertido, fora da rotina, mas ao mesmo tempo significativo. Entretanto, sua subtrama começa a somar complicações progressivas mais profundas durante o segundo ato, conforme seu conflito com Fernando ganha espaço e a rivalidade entre os amigos fica mais latente. Ao longo da jornada, o personagem vai se tornando alguém mais proativo para com as necessidades de seus amigos, principalmente após a morte de Moacir e a desestruturação emocional de Kauê. Vitor aprende que sua presença tem valor, não porque precisa provar algo para aqueles de quem ele está rodeado, mas porque ele sabe que quando as necessidades acontecem, seus amigos podem contar com ele.

Com o arco da trama principal e das subtramas desenvolvidos, fica mais evidente a presença das dualidades que estruturam a narrativa dos filmes de estrada. Essas dualidades ocorrem de maneira que incitam formas de transgressão cultural e social na história dos personagens ao questionar normas e expectativas. A primeira dualidade reside na figura de Moacir, que se divide entre a imagem que os personagens têm dele em vida e a sua memória após a morte. Na primeira metade

da história, ele é um homem presente, mas carregado de arrependimentos buscando um acerto de contas com o passado enquanto corre contra o tempo. Já na segunda metade, ele se torna uma presença que existe apenas nas lembranças de quem o conheceu em vida e na figura da urna, lembranças que vão sendo ressignificadas à medida que segredos de sua vida são revelados.

Outra dualidade é a do tempo. O tempo presente da viagem conflita com o passado não resolvido das personagens, principalmente o de Moacir, já que este é o que mais deseja retornar ao que ficou para trás. Por outro lado, há Fernando, que ao contrário de Moacir, tem um passado do qual deseja escapar. Ele enxerga a estrada como uma saída para encontrar uma possibilidade de liberdade. A dualidade entre pais e filhos também é uma temática que se manifesta como um conflito central, iniciando por Kauê ressentido ao encarar a viagem de seu pai como um fardo. Mas, conforme o personagem descobre as verdades por trás da história de Moacir, ele começa a humanizá-lo. Fernando, por outro lado, carrega um histórico de conflito com a mãe e seu desejo de não voltar para São Paulo representa sua tentativa de romper com um ciclo de controle social.

Essas dualidades entre vida e morte, passado e presente, controle e liberdade, integram o cerne da narrativa e funcionam como um mecanismo de ruptura com normas estabelecidas pela sociedade representada. Cada personagem, através de seu arco e de sua transformação, transgride tais normas de alguma forma. Kauê rompe com a visão idealizada que tinha do pai, Vitor rompe com a necessidade de se provar socialmente e Fernando desafia a imposição social de sua família.

Enfim, o passo final para que o texto chegasse em seu último estágio foi a escrita do roteiro, o detalhamento das falas e ações, além da seleção e cortes de cenas. Com a história materializada e uma visualização mais clara de seu ritmo, ficou possível delimitar melhor a dinâmica entre os personagens. Assim, o diálogo foi ajustado para se alinhar mais fielmente às motivações, comportamentos e conflitos internos dos protagonistas e coadjuvantes, enquanto as ações foram produzidas para gerar o impacto emocional desejado. Essa etapa de lapidação foi um processo de refinamento que, ao final, deu forma definitiva ao roteiro.

4 STORYLINE

Kauê, um jovem universitário, vive em São Paulo junto a seu pai, Moacir, um senhor acometido por um câncer em estágio terminal. Durante o período de férias da faculdade, Moacir revela a Kauê uma vontade de visitar um velho amigo que reside em Brasília. Em um primeiro momento, Kauê rejeita devido às condições delicadas de saúde de seu pai para viajar. Mas após discussões com seus dois melhores amigos, Vitor e Fernando, Kauê é convencido a realizar esse possível último desejo de Moacir e os quatro embarcam em uma viagem de carro.

5 SINOPSE

Kauê mora com seu pai, Moacir, que está acometido por um câncer em estágio avançado, e sua irmã Helena. Durante a festa de comemoração da recuperação, Moacir tenta esconder de sua filha e dos convidados o segredo de que seu câncer não foi curado. Kauê é o único que sabe sobre o verdadeiro estado de saúde de seu pai e o pressiona para contar a verdade para sua irmã. Moacir se recusa e pede um pouco mais de tempo para dar a notícia.

No dia seguinte, Kauê e Moacir recebem a visita de Vitor, um dos melhores amigos de Kauê. Vitor propõe que Moacir viaje para visitar um amigo, João. Moacir insiste com Kauê para que eles viajem juntos até a chácara de João. Kauê se coloca contrário à ideia. Moacir surge com outra ideia de viajar com seu velho carro para não ter que se preocupar com sua saúde.

Mais tarde, na casa de Fernando, o terceiro amigo do grupo, Vitor acaba convencendo Fernando e Kauê de viajarem juntos com Moacir. No dia da viagem, Fernando foge de casa, encontra Kauê, Moacir e Vitor, e a viagem se inicia. A mãe de Fernando liga várias vezes procurando notícias dele. Na estrada, o grupo é pego em um engarrafamento e pega uma estrada alternativa. Então, a gasolina do carro acaba, e o grupo se divide. Kauê e Fernando saem para buscar ajuda, enquanto Vitor e Moacir esperam no carro. Kauê e Fernando voltam com Eduardo, um homem que os ajuda. Eduardo convida o grupo para passar a noite em sua casa.

Na casa de Eduardo, o grupo conhece Catarina, Laura e Henrique, esposa, filha e neto de Eduardo, respectivamente. Enquanto jantam na casa, eles são interrompidos por Artur, pai de Henrique. Artur chama por Eduardo e diz que deseja ver seu filho e Laura. Uma confusão acontece e Eduardo atira no pé de Artur, que é socorrido por Catarina. Catarina repreende Eduardo e pede para que ele leve Artur ao hospital enquanto ela e Laura preparam a casa para que o grupo de viajantes possa passar a noite ali.

No dia seguinte, o grupo segue viagem até Brasília. Eles chegam na chácara de João, Moacir reencontra seu amigo e o grupo conhece Sarahí. Na manhã seguinte Moacir falece e é cremado. Kauê recebe de João uma caixa com pertences de Moacir. Kauê descobre uma carta, a qual revela que Moacir se relacionou com uma mulher e teve uma filha em Manaus. Kauê decide continuar viagem de carro até Manaus com seus dois amigos e Sarahí, que pede carona pois

deseja voltar para seu país.

Na primeira noite de volta à estrada, o grupo para em um motel para dormir. A energia do motel acaba e eles decidem jogar verdade ou desafio. O amor platônico de Fernando por Kauê quase é revelado por Vitor no jogo. No dia seguinte, o carro quebra e Fernando e Vitor brigam por isso. O carro não tem mais concerto e o grupo decide abandoná-lo e pegar uma carona.

O grupo chega em um posto e decide pegar mais uma carona, agora com motoqueiros, até uma balsa para chegar à Manaus. O grupo chega em Manaus e Sarahí é então levada até a rodoviária, onde se despede do grupo e toma um ônibus com destino a Boa Vista.

O grupo então vai até o destino final: o endereço localizado na carta não enviada de Moacir. Kauê encontra Clara, filha de Moacir com sua paixão do passado. Kauê conta para Clara sobre a morte de Moacir e entrega a carta que Moacir escreveu para ela. Clara diz que sente muito por fazer Kauê viajar todo o trajeto, mas que para ela Moacir não significa nada já que nunca foi uma figura de pai presente.

No fim, Vitor e Fernando se reconciliam. Fernando decide não voltar para São Paulo e passar um tempo em Manaus para se redescobrir. E Kauê decide despejar as cinzas de seu pai no rio Amazonas para que assim ele retorne para o local onde sempre desejou voltar mas nunca conseguiu, Manaus.

6 ROTEIRO

"Quem foi meu pai"

Escrito por

Raul Klemp

Copyright by Raul Klemp 2025
Todos direitos reservados

São Caetano do Sul
+5511982892970
klempraul@gmail.com

FADE IN:

1. INT. SALA DE ESTAR - CASA DE MOACIR - NOITE

O ambiente está escuro. KAUÊ, 24 anos, cabelos e olhos castanhos escuros, abre a porta. HELENA, 31 anos, cabelos castanhos claros e olhos verdes, entra empurrando uma cadeira de rodas com MOACIR, 65 anos, careca, olhos castanhos.

MOACIR

Alguém pode acender a luz?

HELENA acende a luz.

FERNANDO (21), MIRIAM (55), PAULO (50) e VITOR (24) estão reunidos ao redor da mesa de jantar. No centro da mesa há um BOLO DE FESTA com os dizeres "MENINO OU MENINA?".

TODOS

(batendo palmas)

Surpresa!

MOACIR e KAUÊ se surpreendem. HELENA sorri e bate palmas.

MOACIR

O que é isso?

HELENA

É pra você, pai. Não é todo dia que se vence um câncer.

KAUÊ força um sorriso. HELENA empurra a cadeira de MOACIR para mais próximo à mesa. MIRIAM, PAULO e FERNANDO se aproximam de MOACIR e começam a parabenizá-lo.

VITOR caminha até KAUÊ.

VITOR

Eai, parabéns pelo seu pai. Desculpa pela vela. Na sessão de artigos de festa só tinha dessa e de bodas de cinquenta anos.

KAUÊ

(procurando a vela na mesa com o olhar)
Que vela?

VITOR

A do bolo que sua irmã me pediu pra comprar.

KAUÊ

(para Vitor)
Bolo? (hesitando) Eu, preciso, já volto.

HELENA ri junto a MIRIAM, PAULO, FERNANDO e MOACIR.

HELENA

(se virando em direção a cozinha)
Vou pegar os salgados.

KAUÊ segue HELENA.

2. INT. COZINHA - CASA DE MOACIR

HELENA abre a geladeira e tira uma tigela com salgados de dentro. KAUÊ entra e para atrás de HELENA. HELENA se vira.

HELENA

(assustada)
Uh! Cuidado.

HELENA coloca a tigela dentro de um MICROONDAS.

KAUÊ

Você devia ter me avisado.

KAUÊ cruza os braços.

HELENA

(apertando botões do microondas)

A surpresa? Você estava com tanta coisa na cabeça com o tratamento do papai que eu achei melhor não te ocupar com ainda mais coisas.

KAUÊ

Não é isso. É que...

KAUÊ descruza os braços e coloca uma das mãos sobre a testa.

HELENA

(para Kauê)

Você quer dizer alguma coisa?

O microondas apita.

HELENA

(tirando a tigela do microondas)

Olha, já foi. Deu tudo certo. Não vamos nos estressar com isso!

HELENA sai em direção à sala. KAUÊ observa HELENA, aperta as mãos por um momento e em seguida sai em direção à sala.

3. INT. SALA DE ESTAR - CASA DE MOACIR - NOITE - CONTINUA

MIRIAM e PAULO conversam com MOACIR à mesa. FERNANDO e VITOR conversando baixo em um canto da sala. MOACIR ri. HELENA

entra, coloca os salgados sobre a mesa. KAUÊ entra e observa a cena do batente da porta da cozinha. Depois, KAUÊ caminha até HELENA.

KAUÊ

(baixo)

Helena, preciso falar com você. Agora.

HELENA

(rindo)

Fala. O que foi?

KAUÊ

Aqui não. É importante.

HELENA

Kauê, você tá me assustando.

MOACIR

(O.S, com voz firme)

Helena.

(continua)

Vamos cortar o bolo?

HELENA hesita alternando entre KAUÊ e MOACIR.

HELENA

Vou buscar a faca.

HELENA sai para a cozinha. KAUÊ fecha os olhos e respira fundo. MOACIR balança a cabeça negativamente de maneira sutil para KAUÊ. FERNANDO e VITOR se aproximam de KAUÊ.

FERNANDO

(indignado)

O Vitor tá chapado de novo pra variar.

KAUÊ se vira para FERNANDO e VITOR meio perdido com a situação.

VITOR

(baixo)

Eu já disse que não tô drogado.

FERNANDO

(irônico)

Ah, não?! Então primeiro me explica como você confundiu de parabéns com uma de chá revelação e por que seus olhos estão tão vermelhos.

VITOR

Bem... Maconha nem é droga, né gente? E eu também já disse que não tinham outras opções de velas no mercado.

FERNANDO observa KAUÊ.

FERNANDO

(abaixando o tom)

Tá tudo bem?

MOACIR (O.S)

(alto)

Eu só queria dizer que...

TODOS olham para MOACIR.

KAUÊ

(para Fernando, baixo)

Sim... sim... eu acho.

MOACIR

Agradeço o apoio de vocês. Eu sei se conseguiria estar aqui sem cada um nessa sala.

TODOS aplaudem e comemoram. HELENA abraça MOACIR. KAUÊ olha fixamente para MOACIR enquanto aplaude.

4. INT. CORREDOR DOS QUARTOS - CASA DE MOACIR - NOITE

Escuta-se o som de vozes se despedindo ao fundo. KAUÊ leva MOACIR na cadeira de rodas até a porta do quarto de Moacir. KAUÊ abre a porta. MOACIR tosse algumas vezes. KAUÊ volta para a cadeira e empurra ela para dentro do quarto enquanto MOACIR ainda tosse.

5. INT. QUARTO DE MOACIR - CASA DE MOACIR - NOITE - CONTINUA

O ambiente está escuro. KAUÊ entra empurrando a cadeira de rodas com MOACIR tossindo. KAUÊ posiciona a cadeira ao lado da cama, acende um abajur e tira o lençol que cobre a cama. MOACIR para de tossir. KAUÊ pega MOACIR no colo e o coloca na cama.

MOACIR

(tossindo e apontando para uma cômoda no ambiente)

Você pode pegar o...

KAUÊ pega um CONCENTRADOR DE OXIGÊNIO em cima da cômoda, o coloca no chão ao lado da cama e liga. Escuta-se o som do CONCENTRADOR funcionando. KAUÊ entrega para MOACIR uma máscara de oxigênio ligada ao CONCENTRADOR.

MOACIR

(rouco)

Obrigado.

MOACIR coloca a máscara respira fundo algumas vezes. KAUÊ termina de ajeitar MOACIR na cama.

MOACIR
(com a máscara)
Eu sei o que você está pensando.

KAUÊ não olha para o rosto de MOACIR. MOACIR retira a máscara do rosto. KAUÊ caminha em direção a porta do quarto.

MOACIR
Você ainda não entende que...

KAUÊ para.

KAUÊ
(interrompendo Moacir)
Eu não entendo?
(virando-se para Moacir)
Eles têm o direito de saber. A Helena... Como você acha que ela vai se sentir quando descobrir?

MOACIR
Contar para todos eles sobre isso agora só iria gerar mais dor e estresse. Eles não merecem passar por mais isso.

KAUÊ
Dor? Você não tá vendo o que tá fazendo? (se aproximando de Moacir) Você não vê a posição em que você me colocou?

MOACIR estende a mão trêmula e agarra o braço de KAUÊ.

MOACIR

Eu preciso que você aguente.

KAUÊ engole seco e abaixa a cabeça.

MOACIR
Por mim.

MOACIR solta o braço de KAUÊ. KAUÊ levanta a cabeça com os olhos cheios de lágrimas.

KAUÊ passa a mão pelo rosto para secar as lágrimas, desliga o abajur e caminha de volta até a porta. KAUÊ olha para trás. MOACIR está com a máscara no rosto respirando profundamente de novo.

KAUÊ sai e fecha a porta.

6. INT. SALA DE ESTAR - CASA DE MOACIR - MANHÃ

KAUÊ entra de pijama bocejando. Escutam-se sons altos de caixas caindo ao fundo. KAUÊ começa a procurar a origem dos sons e vai para a cozinha.

7. INT. COZINHA - CASA DE MOACIR - DIA - CONTINUA

Sons de caixas continuam. KAUÊ entra procurando os sons. KAUÊ observa a mesa de café da manhã posta e a porta da cozinha que dá para os fundos aberta. KAUÊ caminha em direção aos fundos.

8. INT. OFICINA - CASA DE MOACIR - DIA

KAUÊ entra procurando os sons de caixas caindo. MOACIR está em cima de uma cadeira procurando algo dentro de umas caixas de papelão que estão em uma estante de prateleiras. No chão em

volta de MOACIR há caixas de papelão com objetos pessoais dentro. KAUÊ se aproxima.

KAUÊ

(preocupado)

Pai, o que você tá fazendo?

MOACIR

Eu tô só procurando umas coisas aqui... Achei!

MOACIR pega uma das caixas e começa a descer da cadeira com ela. KAUÊ se aproxima rapidamente e ajuda MOACIR.

KAUÊ

(firme)

Você sabe que não pode fazer esse esforço.

MOACIR

(ofegante)

Foi coisa leve. Eu nem me cansei.

KAUÊ pega a caixa que está com MOACIR. MOACIR começa a caminhar com dificuldade em direção à cozinha.

9. INT. COZINHA - CASA DE MOACIR - DIA

KAUÊ coloca a caixa em cima da mesa da cozinha.

KAUÊ

Por favor, não faça mais isso! Quando for assim pede pra mim.

MOACIR se aproxima da mesa, olha para dentro da caixa e retira uma foto com JOÃO.

MOACIR

Era isso que eu estava procurando...

SOM DE CAMPAINHA.

KAUÊ

(gritando)

Já vai!

KAUÊ sai. MOACIR continua procurando mais objetos dentro da caixa e retira revistas antigas de navegação, um diário com a capa gasta e mais algumas fotos empoeiradas. VITOR entra carregando um engradado de cerveja. KAUÊ entra logo atrás.

VITOR

Bom dia, seu Moacir! Pronto para começar a viver de novo?

VITOR coloca o engradado de cervejas na mesa.

KAUÊ

(pegando o engradado e devolvendo para Vitor)
Meu deus, você sabe que ele não pode beber isso.

VITOR

Claro que pode! Olha pra ele. Já tá forte de novo! Não é, seu Moacir?

MOACIR

Uma cerveja nunca matou ninguém.

KAUÊ troca um olhar desconfortável com MOACIR.

VITOR coloca o engradado de cervejas novamente em cima da mesa e tira um molho de chaves com um chaveiro abridor de garrafas do bolso.

VITOR

(abrindo as cervejas e entregando a Moacir)
Um brinde à vida de seu Moacir Ribeiro de Martins!

VITOR e MOACIR brindam e tomam um gole de cerveja.

VITOR olha as fotos em cima da mesa.

VITOR

Que legal essas fotos! Quem são?

MOACIR pega sua foto com João.

MOACIR

Esse aqui é o João, um amigo da época da juventude. A gente se conheceu quando tínhamos mais ou menos a mesma idade de vocês. Vivemos muito e fizemos muita coisa juntos...

VITOR pega a foto e analisa.

VITOR

Ele parece gente boa. Ainda mora por aqui?

MOACIR

Na verdade ele mora em Brasília. Não nos vemos desde que vim para São Paulo.

VITOR dá um leve tapa no ombro de MOACIR.

VITOR

Agora é a hora perfeita pra você visitá-lo, colocar o papo em dia.

KAUÊ

(nervoso)

A gente mal voltou do hospital. Acho melhor esperar um pouco mais.

Escuta-se som de pop-up de celular. VITOR tira seu celular do bolso.

VITOR

Podemos planejar isso pra um fim de semana. O que acha?

O celular de VITOR apita novamente. VITOR olha a tela de novo.

VITOR

Bem, eu só vim entregar essas cervejas para o seu Moacir.

(virando-se para Kauê)

E te avisar que passo aqui hoje às oito para te buscar para a festa do Fernando.

KAUÊ

Eu tinha esquecido. A festa de pré-formatura.

VITOR

Eu não sei qual a necessidade de uma festa de formatura para alguém que ainda nem se formou, mas se tem comida e bebida de graça eu topo.

KAUÊ

Eu preciso ver se a Helena vai poder ficar com meu pai.

MOACIR

Não, não, podem ir sem preocupação. Se divertam, curtam muito e não façam nada que eu não faria. Eu vou ficar bem sozinho.

Kauê faz uma expressão discordando de MOACIR.

VITOR

Combinado. Preciso resolver umas coisas na cidade agora. (saíndo e apontando para Moacir) E vamos manter essa ideia da viagem, hein!

VITOR sai. KAUÊ segue atrás. MOACIR volta sua atenção para a caixa.

KAUÊ volta.

KAUÊ

Pai, você sabe que isso não é uma boa ideia.

MOACIR

É só uma noite. Eu vou ficar bem enquanto você estiver fora.

KAUÊ se aproxima da mesa.

KAUÊ

Eu estou falando da viagem.

MOACIR

Então... vai comigo. Nós aproveitamos que você está de férias da faculdade e fazemos uma viagem de pai e filho. Juntos.

KAUÊ respira fundo e se afasta da mesa.

KAUÊ

Juro, quanto mais eu rezo mais assombração me aparece.

MOACIR
(decidido)

Eu vou ligar para o João, marcar uma data e vamos.

KAUÊ
E como vamos, pai?! Você mal consegue pegar um avião.

MOACIR
Vamos com o meu carro. Ele está velho, mas ainda aguenta mais uma viagem.

KAUÊ
Eu desisto.

MOACIR olha para os objetos que retirou da caixa e balança a cabeça positivamente.

10. EXT. JARDIM - CASA DE FERNANDO - NOITE

FERNANDO está conversando com Regina (44) e mais dois convidados da festa. Todos bebem champanhe de taças. Escuta-se uma música ambiente de fundo, vozes conversando e risadas. FERNANDO se vira e vê KAUÊ e VITOR caminhando em sua direção. VITOR está comendo um petisco de festa. FERNANDO se despede e sai em direção a KAUÊ e VITOR.

FERNANDO
(baixo)
Graças a deus. Vocês me salvaram da conversa mais chata da minha vida.

VITOR
(rindo)

Pra quantos sócios da clínica sua mãe já se gabou que o filho perfeito tirou 10 em todas as matérias da faculdade de medicina?!

FERNANDO
Todos os possíveis.

KAUÊ e VITOR riem. FERNANDO toma um gole de champanhe enquanto olha rapidamente para REGINA que continua conversando com seus amigos.

VITOR
O Kauê já te contou da viagem?

FERNANDO
Que viagem?

KAUÊ
(irritado)
Isso de novo...

VITOR
A gente está pensando em pegar a estrada. Eu, Kauê e o pai dele. Pra Brasília. Vamos?

FERNANDO
Fazer o que em Brasília? (para Kauê) O seu pai topou isso?

KAUÊ
(desviando o olhar)
Ele passou o dia falando disso...

FERNANDO se aproxima mais ainda de VITOR e KAUÊ.

FERNANDO

(baixo)

Vocês sabem que, hipoteticamente falando, se eu for, vou ter que sumir sem minha mãe saber, né? Hipoteticamente.

KAUÊ e VITOR olham surpresos para FERNANDO.

VITOR

(irônico)

O filho perfeito está pensando em fugir de casa?

FERNANDO

(para Vitor)

Fala baixo! Minha mãe nunca iria me deixar sair assim. Ainda mais correr o risco de faltar a qualquer obrigação que ela mandar eu fazer.

VITOR

Qual é? Vamos! Essa pode ser a última chance da gente fazer algo antes da formatura.

FERNANDO

Pensando por esse lado, realmente pode ser.

KAUÊ

(sério)

Vocês tem certeza disso?

FERNANDO

Se é a única chance de eu estar com vocês, então vale o risco.

VITOR ergue sua taça de champanhe.

VITOR

Então vamos brindar a essa futura fuga! Quero dizer... viagem.

KAUÊ, FERNANDO e VITOR brindam.

OVER THE SHOULDER - FERNANDO:

KAUÊ dá um sorriso fraco. A música ambiente continua ao fundo.

OVER THE SHOULDER - KAUÊ:

FERNANDO olha desconfiado para KAUÊ.

11. INT. SALA DE ESTAR - CASA DE MOACIR - NOITE

KAUÊ abre a porta e entra. O ambiente está escuro exceto pela luz da noite que entra pelas janelas da sala. KAUÊ tranca a porta, coloca suas chaves na mesa de centro da sala, pega seu celular e manda uma mensagem para Fernando.

Na tela do celular de Kauê "Em casa. Boa noite"

KAUÊ olha em direção ao corredor dos quartos e percebe uma luz.

12. INT. QUARTO DE MOACIR - CASA DE MOACIR - NOITE

MOACIR está deitado em sua cama lendo seu antigo diário. KAUÊ bate na porta.

KAUÊ

Boa noite. Tudo bem?

MOACIR

(fechando o diário)

Tudo sim. Como foi hoje?

KAUÊ

Legal... Fazendo o quê acordado?

MOACIR

Só lendo umas coisas antigas e lembrando de histórias.

KAUÊ

Eu e os meninos conversamos sobre a viagem... O Fernando perguntou se poderia ir junto.

MOACIR

Claro, quanto mais gente melhor. Eu falei mais cedo com meu amigo, o João. Ele disse que adoraria receber visitas. (pausa)
Mas e você, se decidiu?

KAUÊ

Sim... Mas com uma condição. Quando voltarmos, a primeira coisa que você vai fazer será contar tudo para a Helena.

MOACIR

Você tem a minha palavra.

KAUÊ assente com a cabeça.

MOACIR

Obrigado. E bom descanso, filho.

KAUÊ sai. MOACIR abre seu antigo diário e volta a ler.

FADE OUT.

FADE IN TO:

13. MONTAGEM:

INT. QUARTO DE FERNANDO - CASA DE FERNANDO - MADRUGADA

FERNANDO está deitado na cama. Ele olha o horário em seu relógio e levanta. Em seguida, puxa uma mochila debaixo da cama.

INT. GARAGEM - CASA DE MOACIR - MADRUGADA

KAUÊ coloca algumas malas na garagem de sua casa.

INT. CORREDOR - CASA DE FERNANDO - MADRUGADA

FERNANDO coloca a cabeça para fora de seu quarto, verifica se há alguém no corredor e sai andando devagar.

EXT. FACHADA DA CASA DE MOACYR - MADRUGADA

KAUÊ coloca algumas malas dentro do CARRO. Um carro de aplicativo para na frente da casa e VITOR sai de dentro com uma mochila. VITOR cumprimenta KAUÊ e pergunta por FERNANDO.

INT. COZINHA - CASA DE FERNANDO - MADRUGADA

FERNANDO pega um molho de chaves em um porta chaves na parede e caminha cuidadosamente até a porta. Escuta-se uma notificação de mensagem. FERNANDO pega seu celular. Escuta-se barulho de cachorros latindo.

14. INT. SALA DE ESTAR - CASA DE MOACIR - MADRUGADA

MOACIR está sentado em uma poltrona com uma mochila no colo. A sua frente há a mesa de centro da sala, com sua carteira e seu antigo diário. Ele guarda a carteira na mochila. Em seguida, pega o diário, olha para ele por um instante e começa a abri-la devagar. KAUÊ entra.

KAUÊ

Tudo certo, pai? O carro está quase pronto. Só falta o Fêh chegar.

MOACIR guarda a carta dentro da mochila.

MOACIR
Sim sim.

KAUÊ
Quer que eu leve essa mochila pro carro?

MOACIR
Não, não. Pode deixar, eu mesmo levo.

KAUÊ
Você tem certeza disso?

MOACIR
Tá leve. Não tem problema.

KAUÊ
Não, pai. Eu falo de tudo isso, da viagem, de você...

MOACIR olha para a mochila e passa devagar a mão sobre ela.

MOACIR
(baixando a voz)
Eu preciso disso.

KAUÊ respira fundo.

15. EXT. FACHADA DA CASA DE MOACIR - MANHÃ

O CARRO está estacionado na calçada em frente à casa de Moacir. O porta malas do CARRO está aberto com algumas malas e mochilas dentro. VITOR está apoiado no CARRO fumando um baseado. KAUÊ passa pelo portão da casa. VITOR percebe KAUÊ, apaga e esconde o baseado em um pochete que leva no peito. KAUÊ coloca uma mochila no porta-malas do carro.

KAUÊ

(fechando o porta-malas)

É hora de ir.

Um carro de aplicativo para na frente da fachada da casa. FERNANDO sai apressado de dentro carregando sua mochila

FERNANDO

Cheguei! Cheguei!

VITOR

(cumprimentando Fernando)

Quase que a gente te deixa para trás.

KAUÊ

Boa. Vou chamar meu pai e saímos.

VITOR e FERNANDO entram no CARRO e se acomodam nos bancos de trás. KAUÊ caminha em direção à casa.

16. INT/EXT. CARRO DE MOACYR/RODOVIA - MANHÃ

Escuta-se a música do rádio do carro tocando. KAUÊ está dirigindo. MOACIR, sentado no banco da carona da frente, olha VITOR e FERNANDO pelo retrovisor. FERNANDO observa a paisagem no banco de trás. VITOR está com um mapa aberto em mãos.

VITOR

Se a gente pegar essa rota aqui, dá pra evitar os pedágios e ainda passar por uns lugares legais no caminho.

KAUÊ

Acho melhor a gente seguir direto pela rodovia principal.

VITOR

Chato demais. Assim a viagem nem vale a pena.

MOACIR ri.

MOACIR

O menino tem razão. Se vamos ficar quase dois dias na estrada, por que não pegar o caminho com a melhor vista?

KAUÊ

Porque a melhor vista tem a pior estrada.

Escuta-se som de celular vibrando. FERNANDO tira seu celular do bolso e observa "MÃE" na tela. Ele ignora a ligação e volta a olhar a paisagem. MOACIR observa FERNANDO pelo retrovisor.

MOACIR

Tudo bem aí atrás?

VITOR

(olhando para o mapa)

Quando a gente começar a passar pelas paisagens mais legais vai ficar melhor.

Escuta-se apenas a música do rádio por um momento.

MOACIR

Você já sabe o que vai fazer depois da formatura, Fernando?

FERNANDO

(olhando para a paisagem)

Eu tenho algumas opções.

VITOR

(irônico)

Você ou a sua mãe tem?

FERNANDO

Ta engraçadinho hein, Vitor? Comeu palhacitos hoje?

MOACIR

Escolher um caminho não é fácil. O importante é ter certeza que o seu caminho seja escolhido apenas por você.

FERNANDO olha para MOACIR pelo retrovisor e depois volta o olhar para a janela.

FERNANDO

(para si)

Eu sei...

O CARRO passa pela estrada. Ao fundo vê-se uma paisagem de plantações de cana de açúcar.

Uma placa de "Drive-Thru a 2 km" surge na paisagem.

17. INT/EXT. CARRO DE MOACIR/ESTACIONAMENTO DO DRIVE-THRU - DIA

O CARRO está estacionado com os vidros abertos.

MOACIR desembrulha um sanduíche. KAUÊ bebe um refrigerante olhando a estrada à frente.

VITOR no banco de trás come um sanduíche enquanto observa o mapa aberto sobre suas pernas.

FERNANDO repousa a cabeça no encosto, olhando para o teto do carro.

VITOR
(mastigando)
Eu precisava disso.

FERNANDO
Você ou a sua larica?

VITOR
Eu já disse que não uso drogas. (baixo) Não mais.

Silêncio.

VITOR
(para o mapa)
Tem uns lugares bem diferentes saindo da BR.

KAUÊ
Vai começar com isso de novo?

MOACIR
O que tem de errado em aproveitar o caminho?

Escuta-se um celular vibrando.

FERNANDO
Vou ao banheiro e já volto.

FERNANDO sai do carro. Escuta-se o som do vento entrando pela janela e os carros ao fundo passando na rodovia.

KAUÊ

(para Moacir)

Eu só tô tentando ganhar tempo.

MOACIR limpa a boca com um guardanapo.

MOACIR

Por que você quer controlar algo que no fim sempre escapa da gente?

KAUÊ se volta para a estrada à frente. MOACIR começa a tossir.

MOACIR

(tossindo)

Me passa a máquina...

VITOR

Quê?

KAUÊ

A máquina de oxigênio. No meio do banco. Me dá a máscara.

VITOR passa a máscara para MOACIR que ainda tosse. MOACIR coloca a máscara no rosto e começa a respirar profundamente.

O vento entra pela janela, bagunçando o MAPA no colo de VITOR.

VITOR

(soltando o cinto de segurança)

Acho que preciso usar o banheiro também. Vocês querem mais alguma coisa do drive?

KAUÊ
Não, não.

VITOR sai do carro.

KAUÊ
É exatamente por isso que eu estou tentando ganhar tempo.

MOACIR tira a máscara.

MOACIR
Meu tempo já acabou, filho. Cada minuto a mais aqui é um presente. Vamos tentar aproveitar sem estresses.

KAUÊ permanece em silêncio.

18. EXT. ENTRADA PARA O BANHEIRO - DRIVE-THRU - DIA

Escuta-se o som da rodovia de fundo. FERNANDO sai de dentro do banheiro. Em seguida, respira fundo e olha para a luz do sol. FERNANDO pisca algumas vezes para se ajustar à luz.

O CELULAR vibra no bolso de FERNANDO. Ele retira o celular do bolso e olha para a tela: "MÃE". FERNANDO caminha rapidamente de um lado para o outro com o CELULAR na mão enquanto ele toca. Ele respira fundo e atende.

FERNANDO
(aliviando a voz)
Oi, mãe...

FERNANDO olha em direção ao estacionamento pelo canto do olho.

MÃE DE FERNANDO (O.S)

Fernando, onde você tá? O que é isso de sumir desse jeito?

FERNANDO faz uma careta olhando ao redor.

FERNANDO

Tô na casa do Kauê, mãe. Só... jogando videogame.

MÃE DE FERNANDO (O.S)

(nervosa)

Videogame? E eu aqui achando que tinha acontecido uma tragédia com você! Não me deixa desesperada assim! Você nem me avisa o que tá fazendo, sai na rua e some por aí!

FERNANDO

Tá tudo bem, mãe. Eu só vou passar o final de semana aqui, relaxa.

MÃE DE FERNANDO (O.S.)

Relaxa? Eu não tô relaxada não, Fernando!

FERNANDO

Eu vou voltar antes de acabar o final de semana.

MÃE DE FERNANDO (O.S.)

Vai! E rápido! Eu não quero saber de mais desculpa! E não me faz passar por isso de novo, tá ouvindo?

VITOR vem caminhando de fundo. FERNANDO se surpreende com VITOR e desliga o telefone rapidamente.

VITOR
Tudo bem, aí?

FERNANDO guarda o celular no bolso e força um sorriso.

FERNANDO
Tudo certo.

VITOR entra no banheiro. FERNANDO suspira. Se escuta um forte som de carros da rodovia ao fundo.

19. INT/EXT. CARRO DE MOACIR/RODOVIA - TARDE

Uma fila de carros parados se forma na rodovia. KAUÊ buzina algumas vezes enquanto olha nervoso para o trânsito à frente. VITOR dorme de boca aberta no banco de trás. FERNANDO abaixa a janela, olha ao redor e pega o mapa de VITOR ao seu lado no banco de trás. Ele dobra o mapa e em seguida se abana com ele. MOACIR observa o trânsito no banco de carona com um óculos de sol posto.

Se escuta sons de buzinas. VITOR acorda com um sobressalto.

VITOR
Que foi? A gente já chegou?

KAUÊ
(impaciente)
A gente nem saiu do lugar.

VITOR esfrega os olhos e se inclina para a frente tentando enxergar melhor.

MOACIR
Recapeamento. Isso vai demorar.

FERNANDO

Vou ver no GPS se tem outra rota.

FERNANDO desbloqueia seu celular e levanta o aparelho.

FERNANDO

Sem sinal.

VITOR pega o mapa amassado da mão de FERNANDO e examina por alguns instantes.

VITOR

Eu vou dar uma olhada lá na frente.

VITOR abre a porta e sai do carro com o mapa.

MOACIR tira os óculos de sol e acompanha VITOR com o olhar.

20. INT/EXT. CARRO DE MOACIR/ESTRADA DE TERRA - FIM DE TARDE

VITOR está sentado no banco do carona da frente com MAPA aberto. KAUÊ dirige. MOACIR está sentado no banco de trás junto a FERNANDO.

VITOR

(olhando para baixo no mapa)

Agora você pega à esquerda.

KAUÊ vira o volante para a esquerda. VITOR olha a estrada à frente.

VITOR

Não! A outra esquerda!

KAUÊ gira o volante abruptamente.

VITOR

A segunda na outra esquerda!

KAUÊ gira novamente o volante de maneira brusca.

O CARRO entra em uma curva em uma estrada de terra e passa por um buraco.

MOACIR, FERNANDO, KAUÊ e VITOR são balançados dentro do carro.

FERNANDO

Pelo amor de Deus, Vitor, que caminho é esse?

VITOR

Foi mal! O mapa não tem buracos desenhados nele!

Escuta-se sons de motor falhando. O CARRO engasga e perde força até parar completamente no meio da estrada de terra. Escutam-se sons de vento e de grilos ao fundo.

FERNANDO

Não me diz que...

KAUÊ

(Olhando o painel)
Acabou a gasolina.

VITOR

Não dá pra me culpar por isso.

KAUÊ

(para Vitor)

Ah, não? A gente não devia nem estar nessa estrada se não fosse ideia sua!

VITOR

Se a gente tivesse seguido pelo meu caminho desde o começo, isso não teria acontecido.

KAUÊ

Ah, claro! Porque se perder no mato teria resolvido tudo, né?!

MOACIR coloca uma mão sob um ombro de Kauê.

MOACIR

Bem. Discutir não vai encher o tanque.

KAUÊ e VITOR se encaram. FERNANDO sai de dentro do carro, aponta o celular para alguns lados e depois volta.

FERNANDO

Sem sinal. De novo.

KAUÊ joga a cabeça para trás no banco.

MOACIR

Então vamos fazer do modo antigo. Fernando, Kauê, vejam se encontram ajuda na estrada. Eu e Vitor ficamos no carro caso alguém passe por nós para pedirmos ajuda.

KAUÊ e FERNANDO trocam olhares. KAUÊ abre a porta do carro e sai.

O sol começa a baixar no horizonte.

21. EXT. LUGAR DESCONHECIDO NA ESTRADA DE TERRA - NOITE

Escuta-se som de grilos e de vento soprando. FERNANDO e KAUÊ caminham lado a lado. FERNANDO ilumina a estrada com seu celular.

KAUÊ

Já avisou sua mãe?

FERNANDO

Avisei... Mas disse que estava na sua casa.

KAUÊ ri.

KAUÊ

Cara, alguém precisa parar a sua mãe.

FERNANDO

Se você descobrir como, me avisa.

KAUÊ

Ela sempre foi assim?

FERNANDO

Que eu saiba, sempre. (pausa) Ela quer ter o controle de tudo. Onde eu tô, com quem tô, o que eu vou fazer da vida...

KAUÊ

E o que você quer?

FERNANDO abaixa a lanterna do celular.

FERNANDO

Acho que estar aqui talvez seja a primeira coisa que eu realmente queira em muito tempo.

KAUÊ observa Fernando pelo canto do olho.

KAUÊ

Acha que se ela soubesse como você se sente, ela te ouviria?

FERNANDO solta uma risada baixa.

FERNANDO

Ela só escuta o que ela quer.

KAUÊ

E o que você quer que ela escute?

FERNANDO para de andar. Kauê caminha mais dois passos, para e se vira para trás.

FERNANDO

(baixo)

Que eu não sou o filho que ela desejaria que eu fosse.

KAUÊ mantém o olhar em FERNANDO . O vento sopra forte, sacudindo as folhas secas ao redor.

FERNANDO

(voltando a caminhar)

Vamos achar ajuda logo. A estrada principal fica para aquele lado.

KAUÊ observa FERNANDO por mais um segundo enquanto FERNANDO passa por ele. As sombras dos dois se alongando na estrada de terra.

22. EXT/INT. ESTRADA DE TERRA/CARRO DE MOACIR - NOITE

VITOR caminha alguns passos afastado do carro com o celular na mão. O celular faz um som e apaga.

VITOR
(resmungando)
Agora sem sinal e nem bateria.

VITOR tira um isqueiro de dentro de sua pochete no seu peito e acende tentando iluminar o local. MOACIR observa sentado pela janela do carro.

MOACIR
Porque você anda com um isqueiro se você não fuma?
(pausa)
Ou fuma?

VITOR olha de canto de olho para MOACIR. MOACIR e VITOR ficam em silêncio por um momento.

MOACIR
Você tem algum aí?

VITOR
Seu Moacir, se o Kauê desconfiar que eu tô deixando você fumar...

MOACIR

Então você não nega que tem. Tabaco ou erva?

VITOR
(agoniado)
Seu Moacir...

MOACIR
Eu também já tive sua idade.

VITOR observa MOACIR por um momento.

VITOR
Erva. Prensado.

MOACIR
Pra mim já vale.

23. EXT. LUGAR DESCONHECIDO NA ESTRADA DE TERRA - NOITE

KAUÊ e FERNANDO caminham. Eles avistam dois faróis surgindo de longe e começam a sinalizar para o veículo. O veículo se aproxima e para. KAUÊ e FERNANDO caminham rápido até a janela do motorista do veículo.

24. EXT. ESTRADA DE TERRA - NOITE

MOACIR traga um cigarro de maconha e solta a fumaça tossindo algumas vezes. VITOR ri.

VITOR
Seu Moacir, eu nunca imaginei isso do senhor.

MOACIR

Chega uma hora da vida que a gente tem que realmente começar a viver sem pensar demais.

MOACIR passa o cigarro para VITOR.

VITOR

O que uma experiência de quase morte não faz com a gente...

VITOR traga o cigarro.

MOACIR

Às vezes eu penso que o Kauê poderia ser um pouco mais assim. Desinibido, pra frente. Como você. (pausa) Bem, nem tanto, mas um pouco mais faria bem. Depois da morte da mãe dele, ele se fechou demais. E isso só piorou com a minha doença.

VITOR solta a fumaça do cigarro.

VITOR

O lado bom é que agora que o senhor está curado, quem sabe ele não consiga mais tempo pra se abrir com os outros.

MOACIR

É... talvez.

VITOR entrega o cigarro para MOACIR, que traga e solta a fumaça.

MOACIR

Escutou isso?

VITOR olha ao redor.

VITOR
Isso o quê?

Escuta-se o som de ronco de motor aumentando. Os faróis de uma caminhonete surgem na estrada iluminando a poeira no ar.

MOACIR
Isso.

A caminhonete para ao lado do CARRO. A porta do passageiro se abre e FERNANDO e KAUÊ descem. MOACIR entrega rapidamente o cigarro para VITOR, que apaga e o joga longe.

KAUÊ
Conseguimos ajuda!

FERNANDO
Que cheiro é esse?!

EDUARDO (47) sai do carro e se aproxima de KAUÊ e FERNANDO. Eduardo sorri com simpatia e estende a mão para MOACIR.

EDUARDO
Boa noite. Parece que vocês ficaram na mão, hein?

MOACIR
Acabamos pegando um atalho meio duvidoso e ficamos sem gasolina.

EDUARDO dá um tapinha no ombro de FERNANDO e se dirige à caminhonete. VITOR se aproxima de FERNANDO cruzando os braços.

VITOR
(baixando a voz)
Onde vocês acharam esse cara?

FERNANDO

Depois de andar algumas horas, a gente achou ele enquanto ele passava pela estrada. Ou melhor, ele achou a gente.

VITOR

(analisando Eduardo de longe)
Não sei se ele me parece confiável.

MOACIR

O que podemos fazer é aceitar a ajuda e ficarmos atentos.

EDUARDO pega um galão de gasolina na caçamba da caminhonete e volta para o grupo.

EDUARDO

Isso acontece. Mas tranquilo, eu resolvo isso pra vocês.

EDUARDO abre o tanque do carro e começa a despejar o combustível.

MOACIR

O senhor sabe quanto tempo leva até esse desvio terminar?

EDUARDO

Olha, ainda tem umas duas horinhas de estrada de terra até voltar pra rodovia. Mas, a essa hora, é melhor não arriscar. Se quiserem, podem passar a noite em casa. Eu moro em uma vila perto daqui. É simples o lugar, mas pelo menos tem teto, banho quente e café de manhã.

KAUÊ e FERNANDO trocam olhares. MOACIR observa os rostos cansados do grupo.

MOACIR

Bem, acho que um lugar pra passar a noite seria de grande ajuda agora.

KAUÊ

(mostrando sua camiseta suja)
E para tomar um banho também.

EDUARDO

Vou na frente com a caminhonete e vocês me seguem atrás.

EDUARDO fecha o tanque de gasolina.

25. INT. SALA DE JANTAR/ESTAR - CASA DE EDUARDO - NOITE

CATARINA (45) desce as escadas. EDUARDO está no centro da sala junto a KAUÊ, MOACIR, FERNANDO e VITOR.

EDUARDO

Catarina, esses são seu Moacir, o filho dele, Kauê, e os amigos deles Fernando e Vitor.

CATARINA cumprimenta MOACIR o grupo. LAURA (23) desce as escadas devagar carregando HENRIQUE.

EDUARDO

E essa é nossa filha, Laura, e o meu netinho Henrique.

KAUÊ sorri. FERNANDO e VITOR trocam olhares discretos. MOACIR apoia as mãos na cintura e observa a casa ao redor. LAURA dá sorriso curto.

LAURA

Oi.

EDUARDO

Eu encontrei eles perdidos no meio da estrada enquanto eu voltava da cidade.

CATARINA

Bem, vocês chegaram na hora certa. A janta tá quase pronta.

EDUARDO

Espero que estejam com fome.

KAUÊ sorri, seguido por VITOR, MOACIR e FERNANDO. LAURA os observa

26. INT. SALA DE JANTAR/ESTAR - CASA DE EDUARDO - NOITE

CATARINA entra e coloca um ensopado no meio da mesa. EDUARDO se senta na ponta, CATARINA se senta ao seu lado e MOACIR do outro. LAURA está do outro lado de CATARINA com HENRIQUE no colo. Ao lado de MOACIR está KAUÊ e seguindo dele FERNANDO e VITOR na ponta.

CATARINA

(se servindo à mesa)

Então, me contem... O que vocês faziam naquele horário por aqui?

KAUÊ olha rapidamente para MOACIR.

MOACIR

Estamos de passagem para Brasília.

CATARINA

Brasília? Ainda tem muito chão até lá hein.

EDUARDO

Uma viagem desse tamanho só pode ser pra alguma coisa importante.

MOACIR

Estamos indo visitar um amigo que não vejo há quarenta anos.

CATARINA

Deve ser um amigo muito especial.

MOACIR assente com a cabeça enquanto toma um gole de água de um copo ao seu lado.

MOACIR

Ah, ele é sim... Vivemos poucas e boas quando éramos jovens.

FERNANDO

Você morou em Brasília, tio Moacir?

MOACIR

Morei quando eu tinha a idade de vocês. Eu e João, meu amigo. O conheci lá e nos tornamos inseparáveis. Depois a vida aconteceu e acabou nos levando para caminhos diferentes. Aproveitem enquanto vocês têm tempo e energia, meninos. Porque quando chega no fim, percebemos que a única coisa que importa é o agora.

CATARINA

É bonito ver alguém valorizar tanto uma amizade assim.

LAURA olha para MOACIR com um meio sorriso. MOACIR sorri de volta e inclina a cabeça levemente.

MOACIR

E você, moça? A quanto tempo ganhou o neném?

A mesa fica em silêncio por um momento. LAURA abaixa os olhos.

LAURA

Dois meses.

VITOR

E cadê o pai?

LAURA olha tensa para EDUARDO.

CATARINA

O mais importante é que ele veio com saúde!

A mesa fica em silêncio por um breve momento.

EDUARDO

(para Kauê)

E você? Decidiu acompanhar seu velho pai nessa aventura.

KAUÊ

Eu? Bem, eu não tive muita escolha. Como minha irmã não pode vir e nós três estamos de férias da faculdade, então acabamos aqui.

VITOR

E também graças a mim, que foi o gênio que teve essa ideia.

FERNANDO

O mesmo gênio que deixou a gente sem gasolina, à noite, no meio de uma estrada de terra, sem sinal de celular ou contato humano por perto.

Todos riem. VITOR torce a boca e balança a cabeça negativamente.

EDUARDO

Quando eu vi esses dois parados no meio da estrada eu tomei um susto. Quase ninguém passa por ali nesse horário, a não ser quem mora aqui pela vila. Na hora que bati o olho em vocês eu soube que não eram daqui.

MOACIR

E nós agradecemos muito a sua ajuda.

FERNANDO

A comida está deliciosa, dona Catarina.

CATARINA ri.

CATARINA

O segredo é...

ARTUR (O.S)

(gritando)

Eduardo!

Todos ficam em silêncio. LAURA solta o copo que está em sua mão, que cai e quebra no chão.

ARTUR (O.S)

(gritando)

Eduardo! Eu preciso falar com você.

CATARINA tosse duas vezes, limpa a boca com um guardanapo, olha para LAURA e em seguida para EDUARDO.

KAUÊ, FERNANDO e VITOR se entreolham.

EDUARDO

(se levantando, furioso)

Eu disse que se ele aparecesse mais uma vez aqui eu iria matar ele.

EDUARDO caminha em direção a porta.

LAURA

Pai, espera! Por favor.

HENRIQUE começa a chorar.

ARTUR (O.S)

(gritando)

Eduardo!

CATARINA

(se levantando)

Eduardo, pelo amor de deus!

KAUÊ e MOACIR observam EDUARDO. FERNANDO e VITOR se entreolham assustados. LAURA se levanta com HENRIQUE no colo e desviando dos cacós. VITOR ajuda LAURA. EDUARDO caminha até uma dispensa ao lado da mesa, abre, retira uma espingarda e começa a caminhar furioso em direção saída da casa.

27. EXT. VARANDA - CASA DE EDUARDO - NOITE - CONTINUA

A porta da casa se abre com força. EDUARDO entra. ARTUR está parado no meio da varanda. EDUARDO empunha a espingarda.

ARTUR
(gritando)
Eduar...

EDUARDO avança na direção de ARTUR.

EDUARDO
Eu te avisei o que aconteceria se você aparecesse aqui.

CATARINA entra na varanda e CATARINA coloca as duas mãos no braço de EDUARDO.

CATARINA
(suplicando)
Eduardo, não faz isso. Você vai se arrepender.

ARTUR
Seu Eduardo, eu vim pedir pra ficar com a sua filha.

EDUARDO
Agora você quer? Depois de sumir e deixar ela sozinha?

ARTUR
Eu sei que no início eu errei. Deixei sua filha sozinha, mas quando eu soube do bebê...

LAURA entra apressada com HENRIQUE no colo.

EDUARDO
E é assim que você assume suas responsabilidades? Fugindo dela?

ARTUR

(aumentando o tom)

Mas eu tô aqui agora. E o senhor não pode me separar da minha família!

EDUARDO dá um passo na direção de ARTUR apontando a espingarda.

EDUARDO

(alto)

Sua? Só quando eu estiver enterrado no chão.

LAURA se coloca entre a espingarda e ARTUR. MOACIR, KAUÊ, VITOR e FERNANDO aparecem no batente da porta da casa para a varanda.

LAURA

Vocês dois. Parem por favor. Artur, eu te pedi tempo para conversar com meu pai. E pai, eu não sou um objeto que você decide o que fazer.

EDUARDO

Tempo? Então vocês andam se encontrando?

ARTUR

Desde o nascimento do menino.

EDUARDO

(preparando para atirar)

Ah seu...

LAURA

(gritando)

Não!

EDUARDO dispara. A bala acerta o pé de ARTUR. ARTUR grita de dor e se joga no chão.

LAURA tenta socorrer ARTUR.

LAURA

Meu amor! Você tá bem? Nós vamos dar um jeito. (na direção da casa) Ajuda, ele foi ferido! Venham aqui!

FERNANDO aponta para si.

LAURA

(para FERNANDO)

Por favor!

VITOR dá um leve empurrão em FERNANDO e os dois vão em direção a LAURA e ARTUR.

VITOR e FERNANDO ajudam ARTUR a levantar.

LAURA

Levem ele para dentro.

EDUARDO

Mas nem pensar!

CATARINA

Quieto! Você já fez demais por hoje!

CATARINA toma a arma da mão de EDUARDO. FERNANDO e VITOR carregando ARTUR para dentro.

28. INT. SALA DE ESTAR/JANTAR - CASA DE EDUARDO - NOITE

Em cima da mesa ainda há os pratos do jantar. CATARINA está agachada com uma bacia com água, uma caixa de primeiros socorros e umas ataduras fazendo um curativo no pé de ARTUR.

ARTUR geme de dor.

EDUARDO, LAURA, MOACIR, FERNANDO, VITOR e KAUÊ observam.

CATARINA

Esse curativo deve segurar o sangue até o Eduardo te levar ao hospital.

EDUARDO

Eu?

CATARINA

(se voltando para Eduardo)

Você mesmo. Pelo amor de cristo, Eduardo. Olha a situação que você provocou.

EDUARDO

(baixo)

Eu não provoquei nada.

CATARINA

Atirar no rapaz?! E ele veio preparado só para conversar com você.

EDUARDO

Você também sabia disso?

CATARINA

Mas é claro!

FERNANDO chega mais próximo de KAUÊ.

FERNANDO

(abaixo, apenas para Kauê)

Que momento para a gente ficar aqui.

CATARINA

Eu sei que ele errou. Foi errado sumir e deixar nossa filha. Mas ele se arrependeu assim que soube que a criança nasceu. No fim, ele é o pai e merece uma chance de ser presente na vida do menino. Agora pegue suas coisas e leva ele direto para o hospital.

MOACIR

Um de nós também pode acompanhá-los.

CATARINA

Não, não. Já está tarde, vocês passaram o dia todo na estrada. Eu e Laura vamos ajeitar um lugar para vocês descansarem. Enquanto isso meu marido resolve os próprios erros.

ARTUR olha para o pé e em seguida para EDUARDO. EDUARDO bufa insatisfeito;

29. EXT. FRENTE DA CASA DE EDUARDO - DIA

O sol brilha forte no céu. O CARRO DE MOACIR está com o porta-malas aberto. FERNANDO coloca duas mochilas dentro e fecha. KAUÊ, VITOR e MOACIR saem da casa e caminham para a frente do CARRO DE MOACIR enquanto CATARINA e EDUARDO os acompanham.

CATARINA

Espero que tenham um caminho tranquilo daqui pra frente.

MOACIR segura as mãos de CATARINA entre as suas.

MOACIR

Nós agradecemos a estadia, dona Catarina.

EDUARDO com as mãos no bolso observa o grupo e assente com a cabeça.

EDUARDO

Espero que façam boa viagem.

VITOR olha incerto para o CARRO DE MOACIR e depois para EDUARDO.

VITOR

E a Laura? Como ela tá?

CATARINA

Ela e o bebê vão ficar bem. (olhando furiosa para Eduardo). Eu escondi a espingarda só para garantir.

MOACIR

(para Eduardo)

Seja paciente com ela, meu amigo. E com o Artur também. Com o tempo tudo vai se ajeitando. (pausa) A vida tem um jeito engraçado de ajeitar as coisas.

EDUARDO observa MOACIR por um instante antes de acenar com a cabeça. FERNANDO abre a porta do carro e olha para os outros.

FERNANDO

Melhor pegarmos a estrada se quisermos chegar em Brasília ainda hoje.

KAUÊ sorri e acena para CATARINA e EDUARDO.

KAUÊ
Obrigado!

CATARINA
Boa sorte, meninos. E se cuidem.

FERNANDO, MOACIR, KAUÊ e VITOR entram no CARRO. Escuta-se barulho de motor roncando. O CARRO sai.

CATARINA e EDUARDO observam enquanto o carro se afasta.

30. INT/EXT. CARRO DE MOACIR/RODOVIA - TARDE

O céu se estende com tons de azul e nuvens dispersas pelo parabrisas do CARRO.

FERNANDO está ao volante. MOACIR cochila no banco da frente do passageiro com a cabeça encostada no vidro.

No banco de trás, VITOR olha pela janela distraído e KAUÊ lê o livro "O Guia do Mochileiro das Galáxias". O CARRO balança levemente ao passar por um trecho irregular da estrada. MOACIR se remexe no banco e abre os olhos devagar acordando. MOACIR olha para o horizonte. Brasília começa a aparecer à distância.

MOACIR
(baixinho, quase para si mesmo)
Finalmente...

VITOR percebe MOACIR se mexendo.

VITOR
Tá tudo bem, seu Moacir?

MOACIR assente devagar com um pequeno sorriso.

MOACIR

A cidade mudou... mas o céu... O céu continua o mesmo.

KAUÊ observa MOACIR.

31. EXT. VARANDA DA CHÁCARA DE JOÃO - ENTARDECER

JOÃO (70) está sentado de pernas cruzadas em uma cadeira de área fazendo palavras cruzadas. Escuta-se um barulho de motor de carro crescendo. JOÃO olha para o horizonte. Uma silhueta de carro surge. JOÃO tira os óculos do rosto.

JOÃO

(alto)

Sarahí!

JOÃO se levanta.

JOÃO

Eles chegaram!

32. INT. SALA DE ESTAR - CHÁCARA DE JOÃO - ENTARDECER

O ambiente é decorado com móveis antigos e simples de madeira. À esquerda está um sofá de pedra com almofadas grandes. À direita uma mesa de centro baixa com um rádio antigo junto a fotografias envelhecidas em porta retratos. A luz do sol entra pela porta aberta e pelas janelas.

MOACIR e JOÃO se abraçam. KAUÊ e FERNANDO observam a cena ao lado de MOACIR. SARAHÍ assiste tudo atrás de JOÃO.

MOACIR

Achei que não ia te ver mais nessa vida.

JOÃO

Quem é vivo sempre aparece!

JOÃO e MOACIR riem. MOACIR então se vira para KAUÊ e FERNANDO.

MOACIR

(apontando para Kauê e Fernando)

Esse é o Kauê, meu filho.

KAUÊ

(dando a mão para João)

Tudo bom? Prazer.

JOÃO puxa KAUÊ pela mão e o abraça.

JOÃO

Aquele Kauêzinho que você me falava já tá desse tamanho?

KAUÊ se assusta. JOÃO termina de abraçar KAUÊ.

MOACIR

E este é Fernando, amigo do meu filho.

VITOR entra, para na porta com duas mochilas e as deixa cair no chão. VITOR solta um suspiro de alívio.

MOACIR

E esse é o Vitor. Ele estuda junto com os meninos.

VITOR acena para JOÃO.

VITOR
Olá!

JOÃO sorri e acena de volta para VITOR. VITOR muda seu olhar para SARAHÍ, ficando corado.

JOÃO
Ah, essa daqui é Sarahí. Ela vive comigo há uns dois anos já.
Ela é responsável por cuidar da casa pra esse velho aqui.

JOÃO ri. SARAHÍ se aproxima e aperta as mãos de MOACIR, KAUÊ e FERNANDO.

JOÃO
Bem, vamos conhecer a chácara. Vou mostrar tudo para vocês.

JOÃO se vira e começa a caminhar. MOACIR segue ele, seguido de FERNANDO, KAUÊ e SARAHÍ.

VITOR não desvia o olhar de SARAHÍ. Após um instante, VITOR pisca, balança a cabeça e segue o restante do grupo.

33. EXT. POMAR - CHÁCARA DE JOÃO - ENTARDECER

O vento balança as folhas das árvores.

JOÃO caminha na frente e aponta para algumas árvores enquanto fala. MOACIR o acompanha.

JOÃO
Ali é tudo goiabeira. E lá no fundo tem um pé de manga que dá uns frutos que parecem mel de tão doces.

MOACIR passa os dedos pelo tronco de uma das árvores.

MOACIR

Lugar bonito, João. Sossegado.

Atrás de MOACIR, caminham KAUÊ, VITOR e FERNANDO lado a lado com SARAHÍ.

SARAHÍ

(para Kauê)

Então... vocês vieram de São Paulo, si?

KAUÊ

Isso. Um pouco longe daqui.

SARAHÍ

Y como és?

FERNANDO

Como é o que?

SARAHÍ

São Paulo.

VITOR

Isso depende do humor da cidade. As vezes fria demais, quente demais, chuva demais. E tudo isso num dia só.

SARAHÍ ri. VITOR fica corado.

JOÃO e MOACIR param de caminhar no meio do pomar.

JOÃO

(para MOACIR)

Vou pedir para Sarahí fazer nossa janta, Enquanto isso mostro pra você umas coisas lá dentro da casa.

MOACIR concorda. JOÃO se vira para trás.

JOÃO

(alto)

Sarahí, pode caprichar no jantar hoje porque temos convidados de honra.

JOÃO coloca o braço atrás dos ombros de MOACIR. MOACIR e JOÃO riem.

SARAHÍ

(sorrindo)

Claro, señor João.

VITOR observa SARAHÍ ainda corado. FERNANDO olha para VITOR, cutuca discretamente KAUÊ com o cotovelo e em seguida balança a cabeça na direção de VITOR. KAUÊ e FERNANDO riem.

34. EXT. VARANDA DO FUNDO - CHÁCARA DE JOÃO - NOITE

O ambiente é iluminado pela luz da noite e um feixe de luz que entra pela porta ao lado de JOÃO. MOACIR está sentado em uma cadeira de balanço e JOÃO em uma cadeira de madeira lado a lado. JOÃO está com um cigarro aceso entre os dedos da mão direita enquanto observa MOACIR com preocupação. JOÃO traga o cigarro.

MOACIR

Eu fico feliz por você, João. Por ter conseguido construir tudo isso e encontrado seu lugar.

JOÃO

Obrigado. Mas você sabe que eu não te chamei aqui para falar disso.

JOÃO solta a fumaça do cigarro. Escuta-se o som do vento nas árvores.

JOÃO

Então, quando você ficou sabendo?

MOACIR respira fundo e se volta para JOÃO.

MOACIR

Há poucas semanas atrás.

MOACIR volta a olhar para o pomar. JOÃO puxa o cigarro novamente e solta a fumaça em seguida.

JOÃO

E você ainda tem quanto tempo?

MOACIR

Meses. Talvez semanas.

JOÃO

E você já contou para eles?

MOACIR

(olhando fixamente o pomar)

Os únicos que sabem são você e o Kauê.

JOÃO bate o cigarro e as cinzas caem ao seu lado.

JOÃO

Você sabe que não vai poder guardar isso pra sempre. Ainda mais alguém como você que já guarda tantas coisas para si.

JOÃO traga o cigarro.

MOACIR

Eu sei. Eu só preciso encontrar a maneira certa de contar.

JOÃO

Às vezes não tem maneira certa e o mais correto é apenas contar. E sobre Manaus, você pretende contar também?

JOÃO solta a fumaça. Escuta-se passos. JOÃO apaga o cigarro na parede e joga em direção ao pomar. SARAHÍ entra.

SARAHÍ

Señor, tá pronta.

35. INT. SALA DE JANTAR - CHÁCARA DE JOÃO - NOITE

Pratos estão espalhados na mesa de madeira. Ainda há vestígios da refeição nos pratos. JOÃO se senta na ponta e MOACIR em outra. Do lado esquerdo de JOÃO se sentam SARAHÍ e FERNANDO. Do lado direito, VITOR e KAUÊ.

VITOR gesticula animado.

VITOR

Nessa hora todo mundo gritou. Eu olhei em volta e todo mundo estava em pânico. Eu só pensava: "Essa festa virou um funeral"!

SARAHÍ sorri. Em seguida desvia seu olhar para KAUÊ.

SARAHÍ

E por que decidiram vir a Brasília só agora?

KAUÊ levanta o olhar para SARAHÍ. JOÃO olha para KAUÊ e em seguida para MOACIR.

KAUÊ

Nós estávamos de férias e bem... Pareceu o momento certo para se ver velhos amigos.

KAUÊ olha para baixo.

SARAHÍ
Ah sim...

VITOR se inclina sobre a mesa interrompendo.

VITOR
E antes disso você nem sabe. A gente ficou perdido naquela estrada de terra por horas esperando ajuda até o-

FERNANDO ergue uma sobrancelha e olha para VITOR.

FERNANDO
(interrompendo)
Vitor, pelo amor de Deus... Você já contou essa história três vezes.

KAUÊ, SARAHÍ e FERNANDO riem.

VITOR
(fingindo ofensa)
Ah, me desculpa se eu sou o único aqui tentando entreter a mesa!

FERNANDO dá um tapinha no ombro de VITOR.

FERNANDO
Tá bom, comediante. Mas deixa alguém mais falar um pouco, vai.

SARAHÍ bebe do copo ao lado do seu prato e volta um olhar interessado em KAUÊ. A conversa continua de fundo.

36. EXT. VARANDA DO FUNDO - CHÁCARA DE JOÃO - MADRUGADA

Escuta-se o som de grilos e de folhas. A luz fraca da lua ilumina a varanda. KAUÊ está sentado em uma cadeira de balanço, com os braços cruzados e os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto observa o céu. Escuta-se um som de porta rangendo baixo. MOACIR entra, enrolado em uma manta. Ele para por um instante ao ver KAUÊ.

MOACIR
Sem sono?

KAUÊ pisca algumas vezes como se estivesse saindo de um transe, olha para MOACIR e assente com a cabeça.

MOACIR
Posso sentar?

KAUÊ faz um gesto indicando uma cadeira de balanço ao seu lado. MOACIR se acomoda devagar.

Um momento de silêncio apenas com o sons ambientes.

MOACIR olha para cima e observa o céu.

MOACIR
O céu daqui parece maior do que o de São Paulo...

KAUÊ respira fundo.

KAUÊ
Por que você decidiu vir para cá só agora?

MOACIR

(olhando para o céu)

Às vezes a gente acha que tem todo o tempo do mundo... e quando percebe, não tem mais. Então o peso das escolhas e das promessas que ficaram pelo caminho começam a vir todos de uma vez. E a gente passa a se lembrar das portas que se fecharam, das que nunca tivemos coragem de abrir e das pessoas que ficaram pelo caminho. Eu só consegui entender isso agora... Eu vim ver um velho amigo antes que fosse muito tarde.

KAUÊ desvia o olhar para MOACIR.

MOACIR

Obrigado, filho. Por tudo.

KAUÊ

Você não se esqueceu do que me prometeu, certo? Assim que voltarmos, você conta tudo.

MOACIR suspira e ajeita o cobertor.

MOACIR

(se levantando)

Eu vou tentar dormir mais um pouco.

MOACIR caminha até a porta, entra na casa e fecha a porta. A porta range novamente ao se fechar.

O som dos grilos preenche o espaço sonoro.

37. INT. QUARTO DE HÓSPEDES - CASA DE JOÃO - MANHÃ

O ambiente está escuro, iluminado apenas por frestas de luz que entram da janela e passam pela cortina. Há um armário antigo, uma cadeira ao lado da cama e uma mochila aberta no canto do cômodo.

A porta se abre lentamente. JOÃO entra devagar.

JOÃO
Moacir... tá na hora de acordar, homem.

Escutam-se sons de pássaros vindo da janela ao fundo.

JOÃO caminha até a janela e abre as cortinas. A luz invade o quarto e ilumina MOACIR, que está deitado em posição fetal na cama, imóvel, virado para o lado.

JOÃO
(brincando)
Vamos, Moacir! Em São Paulo vocês podem dormir até tarde, mas aqui nós acordamos cedo.

Silêncio.

JOÃO se aproxima da cama e toca o ombro de MOACIR.

JOÃO
Moacir?

Silêncio.

JOÃO arregala os olhos e cambaleia para trás colocando

JOÃO
(aflito, aumentando o tom gradativamente)
Eu... Alguém?! Ajuda!
JOÃO vai em direção à porta apressado e sai do quarto.

JOÃO
(saíndo do quarto)
Kauê! Ajuda! Alguém!

Escutam-se sons de pássaros na janela novamente.

38. INT. SALA DE ESPERA - CREMATÓRIO - DIA

O ambiente é estreito e comprido. Ao fundo há uma porta de dois batentes fechada com um relógio analógico redondo em cima. Escuta-se o som dos ponteiros do relógio se movendo. Dois funcionários passam pelo corredor conversando. KAUÊ está sentado em uma fileira de cadeiras metálicas, curvado para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos entrelaçadas sobre a cabeça.

A porta de dois batentes no fundo do corredor se abre. FERNANDO entra caminhando devagar e com cuidado. FERNANDO observa KAUÊ por um instante antes de se aproximar e se agachar ao lado dele.

FERNANDO

O seu João levou o pessoal de volta pra chácara. Só ficamos nós dois.

KAUÊ não reage.

FERNANDO

(hesitante)

Você já avisou sua irmã?

KAUÊ aperta os olhos e balança a cabeça positivamente.

KAUÊ

(voz rouca)

Concordamos em cremar ele aqui e levar de volta para casa. Lá vamos preparar uma cerimônia.

FERNANDO fica em silêncio por um instante. Um FUNCIONÁRIO DO CREMATÓRIO surge uniformizado no corredor.

FUNCIONÁRIO
Senhor...?

KAUÊ levanta a cabeça devagar.

FUNCIONÁRIO
(em tom neutro)
A urna estará pronta para retirada em alguns minutos.

KAUÊ assente lentamente. O FUNCIONÁRIO dá um leve aceno de cabeça e se retira.

KAUÊ
(olhando para a frente)
Está feito o que ele queria.

FERNANDO observa KAUÊ por um momento, depois se senta ao lado dele se mantendo em silêncio.

Escuta-se apenas o som do relógio.

39. INT. SALA DE ESTAR - CHÁCARA DE JOÃO - DIA

Há algumas mochilas na frente do sofá. VITOR está agachado colocando algumas roupas dentro de sua mochila. Escuta-se o som de carro estacionando e parando no lado de fora. A porta de entrada da sala está aberta. Após alguns instantes FERNANDO entra pela porta.

VITOR
(sem olhar para Fernando)

Tá tudo pronto. Se a gente decidir sair agora, dá tempo de chegar em São Paulo antes de anoitecer..

KAUÊ entra pela porta carregando a URNA funerária. VITOR sobe o olhar enquanto termina de falar e fica em silêncio no instante em que vê a URNA.

VITOR solta a mochila e levanta enquanto olha para a URNA.

KAUÊ

A gente sai depois do almoço.

(olha para VITOR)

Eu ainda preciso ir para São Paulo encontrar Helena e preparar uma cerimônia de despedida.

JOÃO entra segurando uma CAIXA DE PAPELÃO meio desgastada.

JOÃO

(aproximando-se)

Separei algumas coisas do Moacir. Uns pertences antigos que ele deixou comigo de quando morávamos juntos. Achei que você fosse querer.

KAUÊ olha para a caixa. FERNANDO olha para as mãos ocupadas de KAUÊ e pega a caixa do colo de JOÃO.

JOÃO

Ah... e o almoço já tá pronto caso vocês queiram comer antes de voltar.

JOÃO observa a URNA, se afasta e VITOR o segue. FERNANDO coloca a caixa ao lado das mochilas.

FERNANDO

(para Kauê)

Você vem?

KAUÊ

Não estou com fome.

FERNANDO sai.

KAUÊ permanece imóvel por alguns segundos, olhando a URNA. Depois coloca a URNA sobre a MESA DE CENTRO com cuidado e olha à distância os detalhes do objeto por um instante. Em seguida, se vira para a CAIXA DE PAPELÃO.

KAUÊ se agacha e começa a revirar os itens dentro da CAIXA DE PAPELÃO. Ele pega algumas roupas antigas e as olha uma por uma. Depois, KAUÊ coloca as coloca em cima da MESA DE CENTRO ao lado da URNA. KAUÊ se volta para a CAIXA DE PAPELÃO, tira algumas fitas cassetes e umas revistas de corrida de navegação de dentro e as coloca ao lado da caixa no chão. KAUÊ pega uma das revistas e começa a folhear. Após folhear brevemente a revista, KAUÊ sorri rapidamente e seus olhos se enchem de lágrimas. Após um momento, KAUÊ enxuga os olhos com uma das mãos. Em seguida, ele pega a mochila de Moacir ao lado e abre. KAUÊ pega a revista e coloca dentro da mochila. Ao olhar a mochila ele vê o diário escrito "MOACIR" na capa e o tira para fora. Uma carta cai de dentro do diário. KAUÊ pega a carta, abre e começa a ler.

FERNANDO entra.

FERNANDO

Tem certeza que você não vai comer nada antes de sair?

KAUÊ levanta o rosto com uma expressão pálida e de pânico para FERNANDO.

40. INT. SALA DE ESTAR - CHÁCARA DE JOÃO - TARDE

KAUÊ está de pé, segurando a CARTA com as mãos trêmulas. VITOR, FERNANDO e SARAHÍ sentados no sofá. VITOR e JOÃO escutam de pé atentos.

KAUÊ

(lendo)

Minhas amadas Ananda e Clara. Sei que talvez esta carta nunca chegue até vocês. E se chegar, não sei se ainda guardarão qualquer sentimento além de raiva ou tristeza ao ler meu nome. Não sei nem por onde começar.

Talvez não exista um jeito certo de dizer tudo isso. Talvez nem adiante mais, mas preciso tentar. Preciso que vocês saibam que ainda penso em vocês.

KAUÊ engole seco e continua.

]

KAUÊ

No passado fiz escolhas estúpidas, confiei nas pessoas erradas. Quando percebi, já era tarde demais. As ameaças começaram, e não demorou para perceberem que eu tinha algo a perder. Que eu tinha você. Que eu tinha nossa filha.

VITOR e FERNANDO trocam olhares.

KAUÊ

Mas a verdade é que eu não tive saída. E a única coisa que me restava era fugir. Sei que, para você, só ficou o silêncio, a raiva, o vazio que eu deixei. Eu quis voltar. Mas a cada dia que passava, ficava mais difícil. E a vida continuava. Conheci uma nova mulher, tive uma filha e recentemente mais um. E o que eu diria? Como eu explicaria tudo isso também a eles? E se eu só trouxesse mais dor? Então fui me convencendo de que era melhor assim, que talvez vocês estivessem melhor sem mim. Mas a verdade é que eu nunca parei de pensar em vocês. Nunca parei de imaginar como nossa filha cresceria, se ela tem o seu sorriso ou se puxou meu jeito teimoso. Nunca parei de amar. Se um dia essa carta chegar até você, só quero que saiba que eu

sinto muito. E que fui covarde. Mas nunca, nem por um segundo, deixei de me importar. Moacir.

KAUÊ abaixa a carta. A sala permanece em silêncio. JOÃO coça a nuca.

JOÃO
Eu sabia.

Todos o encaram.

JOÃO
Quando moramos juntos, aqui em Brasília, Moacir me contou sobre o seu passado. Parte dele. Ele me disse que havia deixado uma filha e uma namorada quando saiu de Manaus. Mas nunca me contou direito o motivo disso.

KAUÊ passa a mão no rosto.

KAUÊ
(olhando para todos)
Eu preciso continuar essa viagem.
(olha para a urna)
Eu preciso encontrar essas pessoas.

FERNANDO
Mas você nem sabe como encontrar elas.

KAUÊ
(para Vitor)
Eu passei os últimos dias tratando ele mal, revoltado com toda essa situação...

FERNANDO

Mas você não tinha como saber que ele iria falecer. Ele havia acabado de ser curado.

KAUÊ

Eu sabia. Meu pai não estava bem. No dia da notícia, no hospital, só estávamos eu e ele. E ele fez eu jurar não contar para ninguém sobre o estado de saúde dele.

SARAHÍ coloca a mão sobre a boca, assustada.

KAUÊ

(voz trêmula)

Eu não sei o que realmente se passava depois disso. Mas eu preciso fazer isso. Eu preciso descobrir quem foi meu pai.

VITOR

A gente te trouxe até aqui e vamos com você até o fim.

FERNANDO olha para VITOR e depois para KAUÊ com empatia.

FERNANDO

É isso.

SARAHÍ se adianta.

SARAHÍ

Talvez esse não seja o momento, mas.. Eu gostaria de saber se tem espaço para mim. No carro.

JOÃO vira para ela, surpreso.

JOÃO

O quê?

SARAHÍ se aproxima dele.

SARAHÍ

Senhor João... você me deu um lar quando eu mais precisei. Me ajudou quando eu não tinha ninguém.

SARAHÍ sorri.

SARAHÍ

Mas eu já venho pensando em voltar há algum tempo para o meu país. Eu poderia ir com eles para Manaus, de lá conseguir um ônibus para Boa Vista e então voltar para a Venezuela.

JOÃO suspira e olha nos olhos de SARAHÍ por um momento. Depois, JOÃO assente.

VITOR

(alegre)

Tem espaço no carro.

SARAHÍ olha para VITOR, KAUÊ e FERNANDO. Os meninos sorriem para ela.

SARAHÍ sorri emocionada e abraça JOÃO.

41. INT/EXT. CARRO DE MOACIR/RODOVIA - NOITE

O carro anda pela estrada escura com os faróis acesos. O motor ronrona baixo.

VITOR dirige. SARAHÍ está ao seu lado, apoiada na janela, olhando para fora. Atrás, KAUÊ e FERNANDO viajam em silêncio. Entre os dois, a URNA está presa pelo cinto de segurança. VITOR olha de canto de olho para SARAHÍ.

VITOR
Faz quanto tempo?

SARAHÍ
(para VITOR)
Como?

VITOR
Que você não vê sua família.

SARAHÍ olha a estrada.

SARAHÍ
Um pouco mais de dois anos.

Faz-se silêncio por alguns segundos.

VITOR
E por que você veio para o Brasil?

SARAHÍ
(olhando pela janela)
Minha família precisava de dinheiro para comer, morar, viver...
Então eu vim trabalhar e mandar dinheiro para eles.

Faz-se silêncio por mais alguns segundos. VITOR liga o rádio do carro. Uma música agitada começa a tocar alto.

FERNANDO se estica desliga o rádio. VITOR olha nervoso para FERNANDO pelo retrovisor do carro.

VITOR
(pelo retrovisor)

Qual é o plano, Kauê?

KAUÊ demora a responder.

KAUÊ

A gente continua até Manaus.

Mais silêncio.

VITOR vê uma placa iluminada pelo farol do carro:

“MOTEL 24H - PRÓXIMA SAÍDA”

VITOR

Acho que seria bom procurar um lugar para descansar agora.

SARAHÍ

(olha para Kauê)

Acho que sim.

KAUÊ olha para a URNA ao seu lado, depois para a estrada.

KAUÊ

Tá...

VITOR pega a saída do motel.

42. INT. CORREDOR DO QUARTO - MOTEL PARADISO - NOITE

O corredor é estreito, mal iluminado por lâmpadas brancas tubulares que piscam. O RECEPCIONISTA (40), um homem de meia-idade com olheiras profundas e uniforme surrado, caminha à frente do grupo, segurando uma chave antiga.

RECEPCIONISTA

(sem muito ânimo)

O check-out é até meio-dia. Nada de barulho depois das duas da manhã, e se precisarem de alguma coisa, a recepção fica aberta 24 horas... mais ou menos.

FERNANDO

"Mais ou menos"?

O RECEPCIONISTA insere a chave na fechadura da porta do quarto.

RECEPCIONISTA

A cama é boa, a água é quente e, se der problema, é só bater na porta do vizinho.

O RECEPCIONISTA abre a porta. VITOR olha para dentro e logo faz uma careta.

VITOR

(sarcástico)

Gostei da decoração decadente, meio estilo "filme de terror barato".

O RECEPCIONISTA estende a chave e a entrega para VITOR.

RECEPCIONISTA

Boa estadia.

O RECEPCIONISTA se vira e sai. O grupo troca olhares antes de entrar.

43. INT. QUARTO DO MOTEL - MOTEL PARADISO - NOITE - CONTINUA

Há uma única cama de casal, um sofá desgastado no canto e uma mesa perto da janela.

FERNANDO caminha para o banheiro, abre a porta e dá uma espiada dentro.

FERNANDO

(ironizando)

Se eu sair daqui sem pegar uma micose já é lucro.

SARAHÍ joga a mochila no sofá e vai até o banheiro.

SARAHÍ

Pelo menos tem água quente.

KAUÊ caminha até a mesa e coloca a URNA com cuidado. Ele fica parado por um instante, olhando para ela.

SARAHÍ

Eu vou sair pra comprar água e alguma coisa pra comer. Vocês querem algo?

VITOR

Eu vou com você. Preciso esticar as pernas. Ficar tanto tempo sentado dirigindo acabou me matando.

FERNANDO

(firme, se levantando na cama)

Vitor!

VITOR

Me desculpa. Péssima escolha de palavras.

FERNANDO revira os olhos. SARAHÍ e VITOR saem.

FERNANDO coloca sua mochila na cama e a abre. KAUÊ continua de pé, olhando para a urna.

45. INT. RECEPÇÃO - MOTEL PARADISO - NOITE

A recepção do motel é pequena, com um balcão de madeira gasta. Atrás do balcão, o RECEPCIONISTA está encarando o vidro da janela. Mais atrás do recepcionista há uma tv pequena de tubo ligada, onde se vê chuvisco e se escuta ruído branco.

Escuta-se um som de PASSOS que se aproxima. O RECEPCIONISTA desvia o olhar da janela e observa SARAHÍ e VITOR se aproximarem.

SARAHÍ

Olá. Tem alguma coisa pra vender por aqui?

RECEPCIONISTA

(apontando para a máquina de comida)

Se quiser salgadinhos e refrigerante, tem na máquina ali no canto.

SARAHÍ e VITOR olham para a máquina desanimados.

RECEPCIONISTA

(fazendo sinal com a cabeça na direção da estrada)

Tem também um mercadinho de beira de estrada a uns dois quilômetros daqui. Fecha tarde. Dá pra ir a pé, mas melhor irem de carro.

VITOR

Bom, não temos muitas opções.

SARAHÍ se vira para a porta.

SARAHÍ

Então vamos ao mercado.

VITOR se adianta e abre a porta do motel para SARAHÍ.

O RECEPCIONISTA observa SARAHÍ e VITOR saírem. Quando a porta se fecha atrás deles, ele volta a encarar a janela, soltando um longo suspiro entediado.

45. INT. QUARTO - MOTEL PARADISO - NOITE

KAUÊ está deitado no sofá com os olhos fixos no teto. O som do chuveiro constante preenche o ambiente.

KAUÊ solta um suspiro frustrado, pega o celular no bolso de sua calça e desbloqueia.

ESTALO SECO.

As luzes do teto do quarto piscam duas vezes antes de apagarem.

KAUÊ se senta no sofá.

FERNANDO

(do banheiro, em tom alto)

O que tá acontecendo?

KAUÊ

(alto)

Acho que acabou a luz.

Algo cai no chão com um baque abafado no banheiro.

KAUÊ se levanta rapidamente.

KAUÊ

Fernando? (pausa) Tá tudo bem aí?

KAUÊ se aproxima do banheiro no escuro, tateando o caminho. FERNANDO, enrolado apenas em uma toalha, abre a porta ao mesmo tempo que KAUÊ tenta entrar. Os dois se esbarram com força e perdem o equilíbrio, caindo no chão.

FERNANDO

Ai!

KAUÊ solta um resmungo e se levanta. Ele ativa a lanterna do celular, iluminando o rosto meio molhado de FERNANDO. FERNANDO tem uma expressão de vergonha e tenta se recompor.

FERNANDO

(envergonhado)

Me ajuda a achar meu celular. Caiu por aqui.

KAUÊ direciona a luz para o chão. KAUÊ e FERNANDO começam a procurar o celular pelo chão.

SOM DE PORTA SE ABRINDO.

SARAHÍ e VITOR entram carregando sacolas plásticas e uma lanterna.

SARAHÍ

Pelo visto a luz acabou aqui também.

KAUÊ e FERNANDO olham para VITOR e SARAHÍ rapidamente. FERNANDO fica corado e desconcertado.

VITOR

(rindo)

Estamos interrompendo algo?

FERNANDO

Achei! (se levantando) Estava procurando isso (mostrando o celular).

SARAHÍ

Trouxemos comida.

SARAHÍ caminha até a cama carregando sacolas e as coloca em cima do colchão. SARAHÍ começa a tirar os itens das sacolas.

FERNANDO

(para Kauê, com vergonha)

Você pode me passar a minha roupa?

KAUÊ

Qual?

FERNANDO

Do seu lado direito.

KAUÊ olha para o lado, agacha e pega uma cueca e um shorts.

Kauê

(entregando as roupas para Fernando)

Esses?

FERNANDO

(pegando rapidamente)

Obrigado.

FERNANDO caminha em direção ao banheiro.

SARAHÍ
Vamos comer?

46. INT. QUARTO - MOTEL PARADISO - MADRUGADA

O quarto está iluminado por luzes de celulares e uma lanterna pequena. A mesa está abarrotada de embalagens vazias e latas do jantar.

No chão, KAUÊ, FERNANDO, VITOR e SARAHÍ estão sentados em círculo, encostados nos móveis e nas laterais da cama.

VITOR
(esticando as pernas, satisfeito)
Ok, admito, esse foi um dos jantares mais deprimentes dessa viagem.

Todos riem.

FERNANDO
Onde vocês acharam essa lanterna?

SARAHÍ
Quando chegamos, o apagão tinha acabado de acontecer. O recepcionista nos ofereceu quando passamos pela recepção.

VITOR
Vocês também acharam ele meio "creep"?

KAUÊ
O quê?

VITOR

Estranho. Não estranho no sentido de diferente, mas o estranho do tipo de alguém que poderia ocultar um cadáver (olhando para as paredes ao redor) em algum lugar desse motel.

FERNANDO

Pra mim ele é só um cara de meia idade infeliz preso nesse lugar há uns 20 anos.

SARAHÍ ri. VITOR olha para os outros com um sorriso malicioso.

VITOR

Bom... já que estamos aqui, sem nada pra fazer e temos essa lanterna...

FERNANDO

(apontando o dedo para VITOR)
Não, apenas não.

VITOR

Verdade ou desafio.

FERNANDO

Eu to fora.

VITOR

A gente tá preso num motel de estrada no meio do nada. Você tem algo melhor pra fazer?

KAUÊ cruza os braços. SARAHÍ olha para KAUÊ.

SARAHÍ

Se o Kauê topar, eu topo.

FERNANDO olha tenso para KAUÊ.

KAUÊ
(abrindo um sorriso)
Tá...

VITOR esfrega as mãos como se já estivesse arquitetando planos malignos.

VITOR
Eu começo.

VITOR pega a lanterna acesa, coloca deitada no centro da roda e gira. A LANTERNA gira e para em SARAÍ, iluminando seu rosto.

VITOR
Verdade ou desafio?

SARAÍ
Verdade.

VITOR
Qual o seu maior medo?

O sorriso de SARAÍ some lentamente. Ela fecha o zíper do casaco que está vestindo.

SARAÍ
(baixando o tom)
Meu maior medo é não encontrar minha família.

KAUÊ a observa atentamente.

SARAHÍ

Faz alguns meses que eu não tenho mais notícias deles.

SARAHÍ olha para baixo, mexendo nos dedos.

SARAHÍ

Por isso... eu preciso voltar pra casa.

Um silêncio toma conta do quarto.

VITOR

(abaixando a voz)

Você vai conseguir.

SARAHÍ solta um pequeno sorriso.

VITOR pega a lanterna e entrega para KAUÊ.

VITOR

Sua vez de girar.

KAUÊ gira a lanterna no centro da roda. A LANTERNA acesa gira e para em VITOR.

VITOR

Desafio.

KAUÊ

Eu desafio você a revelar um segredo que nunca contou para ninguém.

VITOR fica pensativo por um instante.

VITOR

Lembra no ensino médio quando eu faltei por quinze dias na escola e disse que tinha viajado para a Disney. Na verdade, eu fiquei 15 dias com caxumba em casa depois de ter pego em um beijo que eu dei na Sara do segundo B.

FERNANDO, SARAHÍ e KAUÊ riem.

KAUÊ

(rindo)

E por que você nunca me contou isso?

VITOR

Na época eu fiquei com vergonha, foi o meu primeiro beijo e eu ainda peguei caxumba.

SARAHÍ

Acho que agora sou.

SARAHÍ pega a lanterna e gira no centro da roda.

A LANTERNA gira e para em FERNANDO, iluminando seu rosto. FERNANDO coloca a mão sobre o rosto tentando tapar a luz.

SARAHÍ

Verdade ou desafio?

FERNANDO

Já que eu não tenho escolha... Verdade.

SARAHÍ

Eu não sei o que perguntar.

VITOR se aproxima e cochicha algo no ouvido de SARAHÍ. SARAHÍ ri.

SARAHÍ
O que você sente pelo Kauê?

KAUÊ levanta o olhar imediatamente. FERNANDO fica mudo por alguns segundos, sem reação.

KAUÊ
(olhando diretamente para VITOR)
Sério isso?

VITOR
É uma pergunta simples.

FERNANDO desvia o olhar, tentando formular uma resposta. As luzes voltam a piscar e acendem.

SARAHÍ
(bocejando)
Acho que isso é um sinal pra gente ir dormir.

SARAHÍ começa a juntar as embalagens espalhadas pelo chão da mesa.

VITOR
Ou um sinal para que a verdade seja evitada.

FERNANDO fuzila VITOR com os olhos.
KAUÊ se mantém calado, evitando olhar para FERNANDO diretamente.

SARAHÍ
(estendendo os braços para KAUÊ)

Melhor descansar, temos muita estrada ainda amanhã.

KAUÊ se levanta com a ajuda de SARAHÍ.

47. INT/EXT - RECEPÇÃO/FACHADA - MOTEL PARADISO - MANHÃ

SARAHÍ e KAUÊ estão diante do RECEPCIONISTA, que digita lentamente em um computador antigo. Ele olha para a tela com desinteresse enquanto masca um chiclete.

SARAHÍ entrega as chaves do quarto para o RECEPCIONISTA. KAUÊ deixa duas notas de cem reais no balcão. O RECEPCIONISTA pega as notas e as analisa.

RECEPCIONISTA

Tudo certo.

KAUÊ

(para Sarahí)

Você pega o troco? Vou ver o tanque do carro.

KAUÊ sai pela porta, o sininho da entrada tilintando com sua saída.

SARAHÍ pega o troco e se vira para sair também. O RECEPCIONISTA pigarreja, chamando sua atenção.

RECEPCIONISTA

(olhando para fora)

Tão indo pra onde?

SARAHÍ

Pra norte...

O RECEPCIONISTA franze a testa.

RECEPCIONISTA
Cuidado com a tempestade.

SARAHÍ olha para fora. O céu está sem nuvens e azul.

SARAHÍ
Que tempestade?

O RECEPCIONISTA balança a cabeça, cruzando os braços.

SARAHÍ olha de volta para o RECEPCIONISTA.

VITOR entra pela porta, se esticando e bocejando.

VITOR
O carro tá pronto. Bora.

SARAHÍ encara o RECEPCIONISTA por um instante antes de sair.

VITOR sorri de lado para o RECEPCIONISTA e lhe dá uma piscadela debochada antes de sair.

O RECEPCIONISTA observa o grupo sair.

48. INT/EXT - CARRO DE MOACIR/RODOVIA - DIA

O carro avança pela estrada. O céu azul está com algumas nuvens esparsas, e o sol incide diretamente sobre o asfalto quente.

FERNANDO dirige.

VITOR, no banco do passageiro, mexe no rádio, girando o botão de volume para cima.

No banco de trás, KAUÊ está recostado contra a janela dormindo. Do outro lado, SARAHÍ observa a paisagem. No centro, a URNA está presa com um cinto de passageiro.

O rádio toca uma música animada e VITOR começa a balançar a cabeça no ritmo.

KAUÊ se mexe.

KAUÊ

(resmungando)

Abaixa isso, por favor...

VITOR dá uma olhada para trás.

VITOR

Quê?

KAUÊ

(abrindo os olhos)

Abaixa o som.

VITOR revira os olhos e abaixa o volume. KAUÊ fecha os olhos novamente e se ajeita no banco.

VITOR volta a aumentar o volume de novo, cantarolando junto. KAUÊ abre os olhos e se inclina para a frente, irritado.

KAUÊ

(irritado)

Tô falando sério. Abaixa isso.

VITOR

Ah, para de frescura, tá nem tão alto assim.

KAUÊ estica o braço, desliga o rádio e se ajeita no banco novamente. O carro fica em silêncio por um segundo. VITOR solta uma risada.

VITOR

Autoritário agora.

FERNANDO

Ele tá tentando dormir, Vitor. Custa abaixar um pouco?

VITOR

O senhor certinho começou. (pausa) Desde quando o carro também tem que virar um velório?

FERNANDO

(aumentando o tom)

E desde quando você virou esse babaca?

Um som metálico começa a vir do carro.

CLANC. CLANC. CLANC.

FERNANDO aperta o volante.

FERNANDO

Que merda foi essa?

VITOR

O carro decidiu protestar também.

O som volta, mais forte.

CLANC. CLANC. CLANC.

FERNANDO

Porra!

KAUÊ se inclina para a frente.

KAUÊ
Isso não é normal...

FERNANDO sinaliza para o acostamento.

O carro reduz a velocidade.

49. EXT - ESTRADA - DIA - CONTINUA

O carro para no acostamento com fumaça saindo do capô, o motor faz um ruído estranho antes de silenciar. No horizonte, as nuvens agora estão mais escuras.

VITOR
(ironizando, saindo do carro)
Bom trabalho, piloto. Agora a gente tá fudido no meio do nada.

KAUÊ
(de dentro do carro)
Gente, não precisa disso.

FERNANDO sai do carro.

FERNANDO
Engraçado como tu adora abrir a boca pra falar merda, mas nunca pra ajudar em nada.

VITOR abre os braços.

VITOR
Ah, desculpa se eu não sou o mecânico oficial da porra dessa viagem.

FERNANDO

Você não é porra nenhuma, Vitor. Só tá aqui enchendo o saco e esperando a oportunidade de ferrar alguém pra se sentir útil desde que saímos de São Paulo.

VITOR empurra FERNANDO.

VITOR

Ah, vai se foder.

FERNANDO revida com um empurrão ainda mais forte. VITOR dá um soco no nariz de FERNANDO. KAUÊ abre a porta do carro e sai apressado apartando a briga.

KAUÊ

(irritado)

Ei! Ei! Parem com essa merda!

KAUÊ empurra os dois para longe um do outro. FERNANDO passa a mão pelo nariz e percebe sangue escorrendo.

FERNANDO dá as costas e começa a andar pelo acostamento.

SARAHÍ

(saindo do carro)

Fernando, espera.

FERNANDO ignora, acelerando os passos.

O vento aumenta e no céu as nuvens ficam cada vez mais carregadas.

KAUÊ

(para Vitor)

Qual é o teu problema, cara?

VITOR olha para KAUÊ, ainda ofegante.

VITOR

Ah, vai começar você também?

KAUÊ se aproxima.

KAUÊ

O que você quer com tudo isso? Ontem provocando o Fernando, depois eu no carro e agora o Fernando de novo.

VITOR desvia o olhar.

KAUÊ

Tu acha que isso aqui é uma brincadeira? Que a gente tá num puta passeio divertido e você pode ficar provocando todo mundo como se fosse um jogo?

VITOR ri

VITOR

(cínico)

Ah, me desculpa por tentar deixar a situação mais leve.

KAUÊ

Você tá se comportando feito um moleque.

VITOR estreita os olhos e caminha em direção a KAUÊ.

VITOR

E você tá agindo como se fosse o dono da porra toda.

KAUÊ

Eu só vou te lembrar que é o meu pai que tá morto e cremado no banco de trás do carro.

VITOR abre a boca para responder, mas nada sai.

KAUÊ encara VITOR por mais alguns segundos e então se afasta. VITOR engole seco.

50. EXT - ACOSTAMENTO - DIA

O céu agora está tomado por nuvens pesadas e escuras. O vento sopra forte.

FERNANDO caminha pelo acostamento, o nariz ainda sangrando, a respiração pesada. Ele tenta limpar o sangue com as mãos.

SARAHÍ corre atrás de FERNANDO.

SARAHÍ
(alto)
Fernando!

FERNANDO não responde e segue andando

SARAHÍ
(mais firme)
Fernando, espera!

FERNANDO para abruptamente. Ele fecha os olhos por um segundo.

SARAHÍ para a poucos passos dele. Os primeiros pingos de chuva começam a cair.

O CELULAR de FERNANDO toca. Ele retira o celular do bolso e lê "MÃE" na tela. FERNANDO grita e joga o celular longe.

FERNANDO

(gritando)

E chega dessas merdas também.

SARAHÍ se assusta.

FERNANDO

(irritado, de costas para Sarahí)

Se você veio me dar sermão, pode voltar.

SARAHÍ

Eu vim tentar entender.

FERNANDO

Entender o quê? Que o Vitor é um babaca e que eu devia ter socado ele mais? Que a minha vida toda eu tive que escutar o que eu deveria ser, o que eu deveria fazer, que eu não sou o suficiente.

A chuva engrossa. As roupas de FERNANDO e SARAHÍ começam a grudar no corpo.

SARAHÍ dá um passo à frente.

FERNANDO olha para o chão. A chuva agora cai com mais força, respingando no asfalto quente.

SARAHÍ

Vem. Vamos voltar.

FERNANDO

Voltar pra quê?

SARAHÍ

(chegando bem próximo a Fernando)

A gente não pode se perder um do outro agora. Falta pouco.

FERNANDO aperta os lábios.

FERNANDO

O problema é que eu não me perdi do outro, mas de mim.

A chuva cai firme.

SARAHÍ

Vamos sair da chuva.

FERNANDO se vira e os dois começam a caminhar de volta. A chuva escorrendo pelo rosto de FERNANDO, misturando-se ao sangue do nariz.

51. INT/EXT. CARRO DE MOACIR/ESTRADA - DIA (CHUVA FORTE)

A chuva cai forte nos vidros do carro. O interior do carro está escuro e abafado, iluminado apenas pelos relâmpagos que cortam o céu.

KAUÊ está no banco do motorista tentando enxergar algo pela janela embaçada. VITOR está no banco do passageiro.

KAUÊ

(baixo, para si mesmo)

Cadê vocês?

VITOR olha pelo retrovisor e depois pela janela, tentando enxergar algo. Pela janela embaçada, dois vultos surgem correndo pela estrada. KAUÊ destrava as portas num clique e SARAHÍ e FERNANDO entram apressados.

FERNANDO cai no banco de trás com nariz ainda sangrando. SARAHÍ, ofegante, ajeita os cabelos encharcados e olha para o nariz de FERNANDO.

SARAHÍ

Você ainda está sangrando?

FERNANDO passa a mão pelo rosto e vê os dedos manchados de sangue. SARAHÍ puxa uma bolsa atrás do encosto de cabeça do banco. Ela vasculha e puxa um OB, entregando para ele.

FERNANDO

Ah, não.

SARAHÍ

Melhor que papel. Funciona.

VITOR observa pelo retrovisor e ri baixo. FERNANDO hesita, pega o absorvente e coloca no nariz.

KAUÊ

(olhando para o banco de trás)

O carro morreu. De vez.

Todos se entreolham.

SARAHÍ

Então temos duas opções. Chamamos um guincho ou esperamos a chuva passar pra conseguir ajuda.

KAUÊ

(negando com a cabeça)

Abri o capô para ver a situação e esse carro já era. Não vale a pena consertar. Tá velho demais.

SARAHÍ e FERNANDO trocam um olhar preocupado. VITOR olha fixamente pelo retrovisor lateral da sua porta. De repente, ele se move e sai do carro sem dizer nada.

KAUÊ
Vitor?

VITOR sai do carro correndo e se posiciona no meio da estrada, acenando freneticamente para um caminhão que se aproxima.

Os faróis iluminam seu corpo encharcado. Por um segundo parece que ele vai ser atropelado. O caminhão buzina alto, os pneus deslizam um pouco na pista molhada e ele para.

FERNANDO, SARAHÍ e KAUÊ observam enquanto VITOR se aproxima da janela do motorista e começa a gesticular. Segundos depois, ele se vira e acena chamando o grupo.

KAUÊ encara SARAHÍ e FERNANDO, que ainda tem o OB no nariz.

FERNANDO
Pelo menos ele serviu pra alguma coisa.

KAUÊ ri.

52. EXT. ESTACIONAMENTO DE POSTO - TARDE

Ainda chove. A porta do caminhão está aberta. KAUÊ desce. VITOR desce em seguida e fecha a porta. VITOR se vira para o caminhão.

VITOR
Valeu.

O caminhão solta uma buzina e acelera, saindo. SARAHÍ, FERNANDO e KAUÊ correm em direção à loja de conveniência do posto. VITOR corre logo atrás.

53. INT. BANHEIRO MASCULINO - LOJA DE CONVENIÊNCIA DO POSTO - TARDE

FERNANDO está de frente para o espelho, secando o cabelo com papel toalha. A água escorre pelo seu rosto enquanto ele examina o próprio reflexo. Seu nariz ainda sangra um pouco.

A porta range. SARAHÍ entra apressada, mas para no meio do caminho ao ver FERNANDO.

SARAHÍ
Ah... Desculpa.

SARAHÍ se vira para sair.

FERNANDO
(sinalizando para entrar)
Sem problema. Só tem eu aqui.

SARAHÍ hesita, depois fecha a porta e se aproxima devagar de FERNANDO. Ela pega um rolo de papel higiênico do canto e rasga alguns pedaços.

SARAHÍ
Você não vai parar de sangrar assim.

SARAHÍ segura o rosto de FERNANDO com delicadeza, inclinándolo levemente para trás. FERNANDO fica rígido por um momento.

SARAHÍ sorri de canto e continua ajudando FERNANDO com o nariz. Um silêncio se instala por um breve momento.

SARAHÍ
Lá fora... antes de a gente voltar para o carro... o que você quis dizer?

FERNANDO
(com a cabeça ainda inclinada para cima)

Eu só... Às vezes eu sinto que nunca tive espaço pra ser eu mesmo. Minha mãe sempre decide tudo por mim. O que vestir, onde estudar, quem ser. Eu tentei me encaixar, tentei ser o filho perfeito...

SARAHÍ troca o papel higiênico do nariz de FERNANDO.

FERNANDO

Mas nunca é suficiente. É cansativo tentar suprir continuamente as expectativas de alguém que você ama todos os dias.

SARAHÍ seca o nariz de FERNANDO com o papel e se afasta.

SARAHÍ

(jogando o papel no lixo)

E agora? Você ainda vai tentar ser esse filho perfeito?

FERNANDO aperta os punhos.

FERNANDO

Não... Mas eu também não sei quem eu sou sem isso.

SARAHÍ se apoia na pia do banheiro, de frente para FERNANDO.

SARAHÍ

E o Kauê?

FERNANDO

O que tem o Kauê?

SARAHÍ

Eu já percebi como você olha para ele. E como você ficou envergonhado quando eu perguntei sobre isso no jogo ontem à noite.

FERNANDO fica corado e olha para baixo. SARAHI sorri.

FERNANDO

Eu gosto dele. Mais do que deveria.

SARAHI

E por que não deveria?

FERNANDO

(olhando para Sarahí diretamente)

Porque ele nunca olhou pra mim desse jeito.

SARAHI se aproxima.

SARAHI

Talvez seja hora de deixar ele ver.

FERNANDO solta o ar lentamente.

SARAHI

Vamos terminar de nos secar e encontrar os meninos.

SARAHI se vira de frente para a pia, pega um pouco de papel e começa a secar o cabelo enquanto observa FERNANDO pelo reflexo do espelho acima da pia.

54. INT. LOJA DE CONVENIÊNCIA - TARDE

Escuta-se um som de chuva ao fundo. Há algumas prateleiras meio vazias no ambiente. Escuta-se também som de máquina de café e pratos batendo.

KAUÊ está sentado em uma mesa, com mochilas em volta. Em cima da mesa está a URNA. KAUÊ apoia o cotovelo sobre a mesa enquanto olha na tela do celular. Ele aperta os botões algumas vezes, mas nada acontece.

KAUÊ

Acabou a bateria.

VITOR

Posso ver se tem tomada por aqui?

KAUÊ

Pode ser.

VITOR levanta e espreguiça os braços.

VITOR

Vou pegar alguma coisa pra comer também. Quer algo?

KAUÊ balança a cabeça negativamente. VITOR se afasta em direção às prateleiras.

FERNANDO e SARAHÍ se aproximam, ainda um pouco molhados. Eles se sentam ao lado de KAUÊ.

FERNANDO esfrega as mãos tentando se aquecer.

FERNANDO

Você já tem alguma ideia de como a gente vai seguir viagem?

KAUÊ

Ainda não pensei nisso.

SARAHÍ abre a bolsa e puxa um mapa dobrado. Ela estende o mapa sobre a mesa, alisando o papel úmido com as mãos.

SARAHÍ

O Vitor me mostrou esse mapa mais cedo. Pelo que vi, a gente vai ter que pegar uma balsa em algum momento aqui por perto.

VITOR retorna, mastigando um pacote de biscoitos. Ele se inclina sobre a mesa, curioso.

VITOR

Olha só... então agora meu mapa serve para algo?

FERNANDO olha com ignorância para VITOR.

SARAHÍ

Se a gente conseguir carona até aqui...

SARAHÍ aponta para um ponto no mapa.

SARAHÍ

...podemos atravessar de balsa e seguir até o porto de Manaus, onde talvez dê pra conseguir outro carro.

VITOR escuta. Em seguida, olha para algo do lado de fora enquanto mastiga devagar.

VITOR

Acho que a gente nem vai precisar esperar tanto.

KAUÊ, SARAHÍ e FERNANDO o olham confusos.

KAUÊ

Do que você tá falando?

VITOR dá um sorrisinho e inclina a cabeça em direção à janela.

LÁ FORA, com o sol se abrindo e a chuva parando, um grupo de motoqueiros abastece suas motos no posto. Jaquetas de couro, botas pesadas, mochilas amarradas na traseira das motos.

VITOR aponta com o queixo.

VITOR

Acho que encontrei nosso plano B.

55. EXT. ESTRADA - ENTARDECER

O barulho dos motores ecoa pelo asfalto.

KAUÊ, SARAÍ, VITOR e FERNANDO estão distribuídos entre os motociclistas, segurando-se firme nos enquanto o vento bate contra seus rostos.

VITOR, empolgado, abre os braços por um instante. O motociclista à sua frente grita algo para ele, rindo. VITOR ri de volta.

SARAÍ, montada atrás de outro motociclista, segura firme na jaqueta dele, observando a paisagem ao redor.

FERNANDO, com o olhar fixo na estrada e mãos firmes nos ombros do motociclista.

KAUÊ mantém um aperto rígido no condutor à sua frente. Ele desvia o olhar para o lado e vê VITOR rindo. Seus olhos se encontram com os de VITOR um segundo, mas KAUÊ desvia, apertando ainda mais as mãos no ombro do motociclista.

A URNA é levada separada e amarrada em um sidecar por um motociclista.

As motos seguem acelerando.

56. EXT. ENTRADA DA Balsa - NOITE

A iluminação da balsa reflete nas águas. FERNANDO se aproxima da bilheteira, conta o dinheiro e compra as entradas. O BILHETEIRO pega as notas sem dizer nada.

Ao fundo, o grupo de motociclistas acelera suas motos, desaparecendo na estrada com ronco dos motores ecoando.

KAUÊ faz uma rápida checagem em torno de si, olhando para as mochilas e para a URNA de Moacir em suas mãos.

SARAHÍ e VITOR se aproximam, observando o movimento das motos.

KAUÊ

(sussurrando para si mesmo)

Tudo certo.

O grupo caminha junto em direção à balsa. O grupo começa a embarcar, se ajustando à fila de pessoas no embarque.

O vento sopra suavemente enquanto eles se aproximam da balsa.

59. INT/EXT. Balsa/RIO - AMANHECER

A luz do amanhecer começa a invadir a balsa. A silhueta de prédios já pode ser vista ao fundo, à medida que a neblina começa a se dissipar.

SARAHÍ recostada em KAUÊ, sentada em um banco de madeira, com os olhos ainda pesados de sono, começa a despertar. Ela observa Manaus lentamente se aproximando.

SARAHÍ olha para KAUÊ e o acorda.

SARAHÍ
(sussurrando)
Kauê... Kauê...

KAUÊ acorda devagar e se espreguiça. Ele observa o cenário ao redor.

KAUÊ
(bocejando)
Chegamos?

SARAHÍ
A cidade está ali.

SARAHÍ olha fixamente para a cidade no horizonte.

SARAHÍ
Quando chegarmos, será que podemos pegar um táxi até a rodoviária?

KAUÊ
Claro. Resolvemos isso assim que chegarmos.

SARAHÍ dá um sorriso para KAUÊ, e ambos ficam em silêncio por um momento, assistindo à cidade se aproximando.

58. EXT. RODOVIÁRIA - MANAUS - DIA

A rodoviária está com um movimento intenso de pessoas. O barulho de pessoas, malas e o som distante de anúncios se mistura com o som de motores de ônibus. Um táxi pára e KAUÊ, SARAHÍ, FERNANDO e VITOR descem.

FERNANDO
(para Kauê)

Ela já foi comprar a passagem?

KAUÊ

Acho que sim.

VITOR sai por último do carro e agradece ao taxista.

SARAHÍ volta com um bilhete nas mãos.

SARAHÍ

(para KAUÊ)

Acho que está na minha hora. (com a voz embargada) Eu não sei nem como agradecer a vocês.

KAUÊ

A gente só fez a coisa certa para uma amiga.

SARAHÍ abraça KAUÊ.

SARAHÍ

(para KAUÊ, enquanto o abraça)

Cuide de você. Não deixe a vida passar despercebida sem olhar pra tudo que ela ainda pode oferecer.

SARAHÍ se afasta e se volta para VITOR e FERNANDO.

SARAHÍ

E vocês dois... se reconciliem, tá? Não há nada mais doloroso nesse mundo do que estarmos distantes de quem amamos. Seja essa distância física ou não. (pegando nas mãos de FERNANDO e VITOR) Vocês três não são apenas amigos, são família, irmãos. E família é o que temos de mais valioso.

VITOR e FERNANDO trocam um olhar. SARAHÍ abraça FERNANDO e em seguida VITOR.

SARAHÍ

(para VITOR)

E você, Vitor... Não precisa se validar o tempo todo. Você é engraçado, bonito, às vezes um pouco maluco, mas é o amigo que sabemos estará sempre ao nosso lado. Nos momentos bons e ruins.

SARAHÍ olha mais uma vez no rosto de cada membro do grupo.

SARAHÍ se afasta do grupo com os olhos cheios de lágrimas.

KAUÊ

Boa sorte.

FERNANDO

(para Sarahí)

Eu te acompanho até o seu ônibus.

SARAHÍ caminha para o ônibus seguida por FERNANDO. O ônibus está estacionado e sua porta se abre. Antes de entrar, SARAHÍ se vira para FERNANDO e o abraça.

SARAHÍ

(sussurrando no ouvido de FERNANDO)

Eu sei que você tem medo de se perder em tudo isso... mas às vezes, a gente precisa perder um pouco para se encontrar, tá? Não tenha medo de se permitir.

SARAHÍ acena uma última vez para VITOR e KAUÊ e entra no ônibus.

O ônibus arranca lentamente e se perde na multidão da rodoviária.

O som do motor do ônibus ecoa enquanto KAUÊ, VITOR e FERNANDO observam. FERNANDO se vira e volta a se reunir com KAUÊ e VITOR.

KAUÊ

Eu tenho o endereço da carta... vamos procurar por ele.

VITOR, KAUÊ e FERNANDO começam a caminhar em direção à saída da rodoviária, onde há táxis estacionados. O som do motor do ônibus desaparece enquanto eles chamam por um táxi.

59. EXT/INT. RUA/TÁXI - DIA

O táxi faz uma curva suave e pára em frente a um portão de uma casa simples.

TAXISTA

(olhando para o retrovisor)

Chegamos, moço.

KAUÊ, VITOR e FERNANDO estão no banco de trás do táxi. KAUÊ olha para o endereço na carta, depois para os dois amigos ao lado.

KAUÊ

Eu preciso fazer isso sozinho.

VITOR e FERNANDO trocam olhares. FERNANDO dá um leve aceno de cabeça.

FERNANDO

A gente vai estar... (apontando) naquele bar da esquina.

KAUÊ acena com a cabeça. KAUÊ sai do táxi e fecha a porta atrás de si. O táxi sai. KAUÊ anda até o portão.

60. EXT. FACHADA DE CASA DE CLARA - DIA

KAUÊ se aproxima do portão de ferro enferrujado. Ele respira fundo e bate palmas algumas vezes.

KAUÊ

(gritando)

oh de casa!

O som de passos se aproxima da porta atrás do portão.

A porta se abre lentamente, e CLARA, em torno de 20 e poucos anos, cabelos longos, castanho escuro e liso, olhos castanhos escuros, aparece.

CLARA

(olhando desconfiada)

Quem está aí?

KAUÊ se aproxima mais um pouco.

KAUÊ

Oi, eu me chamo Kauê. Estou procurando por Ananda Batista.

Clara franze a testa confusa.

CLARA

Ela não se encontra.

KAUÊ

Você sabe onde eu posso encontrar ela?

CLARA

Ela faleceu há alguns anos.

A expressão de KAUÊ muda instantaneamente, um misto de surpresa e tristeza tomando conta de seu rosto. Ela dá um passo atrás.

KAUÊ

(pegando a carta de Moacir)

Eu tinha algo para ela... de um homem chamado Moacir.

KAUÊ entrega a carta de Moacir pelo portão. CLARA olha a carta por um momento. Ela começa a ler com calma.

KAUÊ

(hesitando)

Eu sou... filho de Moacir.

CLARA para de ler e olha para KAUÊ com um olhar vazio.

CLARA

(entregando a carta de volta para KAUÊ)

Eu não tenho nada pra discutir com ele. Não faz diferença...
ele está 50 anos atrasado.

KAUÊ começa rapidamente a tirar a URNA de dentro da mochila.

KAUÊ

Você conheceu ele?

CLARA

Nunca o vi e no momento não quero. Só sei que ele, abandonou a mim e minha mãe.

KAUÊ tira a URNA da sua mochila.

KAUÊ
Ele faleceu.

CLARA olha para a URNA por um momento.

CLARA
Você quer entrar?

KAUÊ agradece com um leve movimento de cabeça. CLARA abre o portão. KAUÊ dá um passo à frente, entrando no portão da casa enquanto CLARA fecha o portão atrás dele.

61. EXT - BAR/RUA - DIA

VITOR e FERNANDO estão sentados em uma mesa na calçada, cada um com uma cerveja na frente, em silêncio.

FERNANDO
(baixo, limpando o suor da testa)
Eu preciso de um banho.

VITOR ri e em seguida toma um gole de cerveja do seu copo.

FERNANDO observa VITOR e dá um gole na bebida. VITOR olha para os lados e começa a tremer a perna, visivelmente incomodado.

VITOR
Eu... (pausa)
Eu... fiz uma merda ontem, Fernando.

FERNANDO olha para VITOR com surpresa.

FERNANDO

Isso é, no mínimo, eufemismo.

FERNANDO coloca seu copo de cerveja de volta na mesa.

VITOR

(firmemente)

Eu não queria ter feito o que fiz. Eu... (pausa)

Eu estava tentando lidar com toda a situação do pai do Kauê.

Então tentei ser o alívio cômico. (pausa, olhando para FERNANDO) Mas de alguma forma eu perdi a mão e acabei fodendo tudo.

FERNANDO permanece em silêncio, olhando para VITOR por um momento.

FERNANDO

(sério)

Eu entendo. Não foi fácil pra ninguém. Mas eu só tô cansado de ficar nesse joguinho de provocações. (olhando para a mesa) Sabe, eu... (pausa, hesita) Eu também tenho uma parcela de culpa nisso tudo. Eu deixei o que eu estava sentindo me confundir. Nunca pensei que fosse sentir isso.

VITOR fica em silêncio por um momento.

VITOR

(afirmativo)

Eu acho que no fim tá todo mundo tentando se encontrar nessa viagem. Mas... o que importa é que, agora, somos nós aqui. Sem mais brigas. (levantando o copo de cerveja) Amigos?

FERNANDO dá um leve sorriso.

FERNANDO
(brindando com VITOR)
Amigos. E obrigado por isso.

VITOR dá um leve sorriso e os dois se olham por um momento em silêncio.

62. INT. SALA DE ESTAR - CASA DE CLARA - DIA

O ambiente é simples. A luz do entra por cortina fina. O som de um ventilador preenche o ambiente.

KAUÊ está sentado em um sofá com a URNA de MOACIR apoiada em suas mãos. Ele observa os retratos pendurados na parede. CLARA entra segurando um copo d'água e o entrega para KAUÊ.

CLARA
Aqui.

KAUÊ pega o copo e toma um gole. CLARA termina de ler a carta.

CLARA
(olhando para a carta)
Como foi que ele... aconteceu?

KAUÊ
(baixo, encarando a urna)
Foi dormindo. Durante a noite.

CLARA abaixa a carta, alternando seu olhar entre KAUÊ e a URNA.

KAUÊ olha novamente para os retratos na parede e aponta para uma foto específica.

Kauê
Essa aqui... é sua mãe?

CLARA
Sim. Minha mãe nunca falava dele. Era como se ele nunca tivesse existido.

KAUÊ hesita.

KAUÊ
O que aconteceu entre eles?

CLARA aperta a carta em suas mãos.

CLARA
Quando minha mãe engravidou do seu pai, ela já estava prometida para outro. A família dela não queria que eles dois ficassem juntos, e o noivo dela menos ainda. Então uma noite, Pedro Pina, o noivo de minha mãe, decidiu se vingar do homem que havia engravidado a mulher a qual ele estava prometido, minha mãe. Pedro invadiu a casa de Moacir para matá-lo. Mas antes disso, minha mãe descobriu e contou a Moacir, dando tempo para ele fugir. Pedro perseguiu Moacir. Durante a fuga entraram em conflito e Pedro acabou morto. Com medo de ser preso, ou que a família de minha mãe tentasse algo contra ele de novo, o seu pai fugiu de Manaus. E nunca voltou.

KAUÊ aperta a URNA contra o peito.

CLARA
Foram anos difíceis. Depois disso minha mãe foi expulsa de casa. Expulsa pela família. Alguns meses se passaram e eu

nasci. Quinze anos depois minha mãe encontrou alguém. Eles se casaram e ele me assumiu como filha até vir a falecer.

KAUÊ

Eu sei que isso não apaga nada, mas... essa viagem foi a maneira de eu tentar fazer algo certo por ele.

CLARA

Depois de cinquenta anos? Me desculpe, mas sua viagem foi em vão. Eu não tenho e nunca tive laços com Moacir. Ele pode ter sido seu pai, mas pra mim, ele nunca foi.

KAUÊ abaixa a cabeça. Após alguns segundos, ele se levanta e ajeita a mochila nas costas.

Kauê

Acho que eu já terminei por aqui. Obrigado pelo seu tempo.

KAUÊ se vira para sair. CLARA o observa por um instante.

CLARA

Você vai passar quanto tempo aqui na cidade?

KAUÊ

Não sei ao certo. Ainda preciso resolver mais algumas coisas antes de poder voltar para minha cidade.

CLARA olha para a carta em suas mãos e a estende para KAUÊ.

CLARA

Aqui. Isso é dele.

Kauê

Ele gostaria que ficasse com você.

CLARA observa a carta por um momento e depois abaixa a mão.
KAUÊ se vira e caminha até a porta.

CLARA
(chamando)
Kauê.

KAUÊ para e se vira.

CLARA
Não abandone as pessoas que te amam. Não fuja quando as coisas
ficarem difíceis.

KAUÊ assente e sai. CLARA fica parada no meio da sala, olhando
para a carta em suas mãos.

63. EXT. BAR/RUA - MANAUS - DIA

O som baixo de uma música antiga toca ao fundo misturado ao
ruído da rua.

VITOR e FERNANDO estão sentados à mesma mesa com duas garrafas
de cerveja, uma vazia e uma pela metade. FERNANDO brinca
distraindo com o rótulo da garrafa, arrancando pedaços,
enquanto VITOR bate com os dedos na mesa impaciente.

KAUÊ vem caminhando pela calçada ao fundo, com a mochila nos
ombros e a URNA nas mãos.

FERNANDO levanta uma das mãos chamando KAUÊ. KAUÊ se senta,
colocando a URNA em cima da mesa e a mochila ao lado de sua
cadeira no chão.

VITOR
E aí? Como foi?

KAUÊ encosta as costas na cadeira.

KAUÊ

Foi... o que tinha que ser. Ela leu a carta e disse que a viagem foi em vão. Que não tinha laços com o meu pai.

FERNANDO desvia o olhar. VITOR balança a cabeça.

KAUÊ

Ela ficou com a carta. Achei que fazia mais sentido a carta ficar no lugar de destino para onde ela foi endereçada.

VITOR dá um gole longo na cerveja.

KAUÊ

(olhando para os dois)
E vocês? Já se acertaram?

VITOR e FERNANDO trocam um olhar rápido antes de assentir.

VITOR

Foi mal, cara. Eu tava sendo um babaca.

FERNANDO sorri de canto.

FERNANDO

Eu também não ajudei muito... mas sim, a gente se acertou.

Silêncio novamente. FERNANDO olha fixamente para sua garrafa.

FERNANDO

(firme)

Eu não vou voltar pra São Paulo com vocês.

KAUÊ pisca, surpreso.

KAUÊ

Como assim?

FERNANDO

Eu vou ficar mais um pouco aqui em Manaus. E depois ir pra outro lugar. Talvez nordeste. Não sei.

VITOR dá uma risada incrédula.

VITOR

(rindo)

E a sua mãe? Ela vai surtar.

FERNANDO

Vai, com certeza. Mas isso diz mais sobre ela do que sobre mim. E eu preciso descobrir quem eu sou, sem ela e sem ninguém.

KAUÊ dá um leve tapa nas costas de Fernando.

VITOR

(para FERNANDO)

Bem, passo oficialmente o posto de rebelde do grupo para você. (para KAUÊ) E nós vamos voltar para São Paulo né? Dessa vez de avião porque eu não tenho condições para mais três dias de viagem.

KAUÊ abaixa o olhar para a URNA à sua frente na mesa. KAUÊ passa a mão pela superfície lisa da URNA.

KAUÊ

(voz calma, quase num sussurro)

Sim, mas antes eu preciso fazer uma última coisa.. (pausa) E finalmente tudo vai estar no seu lugar.

KAUÊ continua olhando para a urna, os dedos ainda traçando linhas invisíveis sobre ela.

Os olhares de VITOR e FERNANDO se voltam para KAUÊ.

64. EXT. MARGENS DO RIO AMAZONAS/BARCO - TARDE

KAUÊ, FERNANDO e VITOR estão às margens do rio Amazonas em um barco de turismo. O sol começa a se pôr e brilha laranja, refletindo as cores na água. KAUÊ está com a URNA na mão. Ele abre e despeja as cinzas de dentro da urna no rio. Os olhos de KAUÊ se enchem de lágrimas e ele sorri de felicidade. FERNANDO abraça VITOR e os dois sorriem.

O barco continua a navegar pelo rio e vai se afastando no horizonte.

FADE TO BLACK.

FIM.

7 RELATÓRIO CRÍTICO

Quem Foi Meu Pai surgiu de uma vontade de entender o sentimento de luto, suas nuances e como trabalhar um sentimento soturno, tal como a morte, de maneira mais leve. Porém, esse trabalho com a temática do luto teve seu início anterior ao desenvolvimento do longa-metragem, mas sim durante a disciplina de Arte e Tecnologia. Nesse período, um projeto de *fashion film* foi planejado utilizando a obra de Elisabeth Kübler-Ross, dando assim a cada modelo do filme uma direção de arte de acordo com cada uma das cinco fases do luto desenhadas pela autora.

Desse modo, ao começar o projeto de Quem Foi Meu Pai, uma pesquisa prévia sobre um de seus eixos temáticos centrais já havia sido feita. No entanto, havia uma necessidade de eleger a abordagem que seria utilizada para transportar essa temática para um roteiro de filme. Nesse momento, por coincidência, o relato de Juliana Bargas serviu como catalisador do projeto, já que trabalhar o luto e a morte em uma premissa onde o personagem principal tem como missão realizar o último desejo de seu pai pareceu uma premissa com alto valor a ser desenvolvido.

Todavia, no conto de Juliana, as cinzas eram transportadas por avião, e para o texto era necessário um ambiente com um potencial maior para gerar conflitos e situações. Assim, o avião foi trocado por um carro, transformando o projeto em um filme de gênero de estrada. A partir desse momento, a pesquisa do projeto teve seu objetivo mudado para compreender melhor o que são os filmes de gênero de estrada e como encaixar as suas características no tema escolhido.

A obra de Laderman (2002) foi essencial nesse ponto do texto, pois ele indica o passo a passo da construção dos filmes de estrada e vai delineando suas características, o que foi de grande apoio para conseguir encaixar Quem Foi Meu Pai no gênero. É importante ressaltar novamente que, apesar das características do *road movie* típico estadunidense servirem de base para esse projeto, houveram adaptações geográficas, sociais e culturais para que o presente roteiro se concretizasse como um filme de estrada nacional, principalmente quando relacionado às normas sociais e culturais que o texto propõe quebrar utilizando o comportamento dos personagens. O maior desafio, no entanto, residiu neste ponto: o desenvolvimento dos personagens. Apesar da tese de McKee ser útil com relação às métricas e moldes de uma escrita de roteiro mais clássico, trabalhar um tema tão denso quanto o luto exige entregar-se na mesma intensidade para conseguir extrair

o necessário da obra. Neste momento, entender a construção de personagens para tal gênero e tema através da cinematografia nacional brasileira foi de essencial auxílio no processo de desenho dos protagonistas e coadjuvantes.

Uma forma encontrada de trabalhar o luto foi relacioná-lo com outros assuntos que o tocam, como memória, temporalidade e parentalidade, já que esse último estava presente desde o relato de Bargas. Ao diluir a temática do luto nessas outras temáticas, foi possível não só moldá-la no texto mas também abrir as opções de caminhos que o próprio texto poderia tomar.

É importante ressaltar que Kauê e Fernando inicialmente foram extraídos de partes da personalidade do próprio autor. Esses dois personagens foram pensados em uma dinâmica onde Fernando é o lado sensível e temeroso, enquanto Kauê assume um papel mais decidido e centrado. Porém, ao espelhar esses personagens no autor, surgiu uma dificuldade de desvencilhar os personagens do mesmo e entender que inspiração não é transcrição. Assim, além de uma revisão e busca por características próprias para essas personagens, surge Vitor, personalidade que triangula a relação entre os amigos e consegue dar mais dinamicidade às ações do texto. Não obstante, outros personagens também receberam parte de sua personalidade advinda de inspirações reais, como Sarahí, que vem de uma vontade pessoal do autor de retratar características de um amigo egresso do curso de Cinema e Audiovisual da UNILA, Moisés Luna.

Outra parte essencial para a composição do texto foi escolher as referências filmográficas. Além de ajudarem a entender a dinâmica das narrativas do gênero de filmes de estrada, também foram de grande essencialidade para compor os traços dos personagens. Dessa maneira, alguns traços de personagens foram inspirados por personagens de outras histórias, como Moacir que herdou a vontade inabalável por viver cada segundo de Fausto de *A História da Minha Família*. Fernando oscila muitas vezes entre o temeroso de Demétrio de *A História da Minha Família* e o tio Frank de *Pequena Miss Sunshine*. Vitor também teve traços retirados de outros personagens, como seu jeito debochado que veio em parte de Tenoch de *Y tu mamá también*.

Como protagonista, a personalidade de Kauê foi cunhada de diversas fontes, pois, de todos os personagens, ele era o que demandava maior profundidade emocional, já que a história é contada por seu ponto de vista. Parte da racionalidade de Kauê em tentar manter-se são em meio ao sentimento de perda de seu pai e ir

em busca de respostas vem da própria Joan Didion, quando a autora relata que “Em tempos difíceis, me ensinaram desde criança, eu devia ler, aprender, investigar, recorrer à literatura especializada. Informação é controle.”(DIDION, 2005, p. 47). Por meio disso, Kauê vai atrás de controle, de trazer estabilidade novamente para sua vida e para seu emocional, buscar respostas e informações do outro lado do país.

De fato, pesquisar e compreender os personagens de outros filmes tornou possível entender e arquitetar mais vigorosamente os comportamentos dos personagens de Quem Foi Meu Pai. Mesmo em obras com formatos mais distantes, como o documentário de Joan Didion ou ainda no desabafo póstumo na letra de Quem Foi Meu Pai, da banda Titãs, a importância se deu em olhar atentamente para como a vida se dá em meio às situações que seriam tratadas em Quem Foi Meu Pai, como o enfrentamento de um processo de luto.

Quem Foi Meu Pai sem dúvidas foi um desafio. Aprender sobre um gênero cinematográfico, lidar com temáticas variadas e nebulosas, e ainda conseguir colocar tudo isso dentro de um escopo narrativo de longa-metragem foi, no mínimo, desafiador. No entanto, ao passo que esse desafio cresceu e depois de todo um longo processo de quase dois anos, ver o resultado, ainda que não seja o resultado final desejado pelo autor, inspira entusiasmo e júbilo para continuar aperfeiçoando-o no futuro.

8 ANEXO

ANEXO A - REGISTRO DE ROTTEIRO

Registrar ou Averbar Direitos Autorais		
<input type="checkbox"/> ETAPA: Confirmar Dados		
N.º do Protocolo da Solicitação	Data de Início	Data Limite
000984.0231375/2025	28/02/2025	30/03/2025
CPF	CNPJ	Nome
480.814.398-46		RAUL VICTOR DA SILVA KLEMP
E-mail		Tipo de Solicitação
klempraul@gmail.com		Registro de obra ou Averbação

Olá RAUL VICTOR DA SILVA KLEMP,

Informamos que sua solicitação do serviço público se encontra na fase de atendimento **Análise**.

Nome do Serviço: [MTUR] Registrar Obra na Biblioteca Nacional
Protocolo: 000984.0231375/2025

[Clique aqui para mais informações de sua solicitação.](#)

Att,
Equipe de atendimento.



9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FILMOGRÁFICAS

A História da Minha Família. Direção: Claudio Cupellini. Produção: Marco Camilli, Margherita Chiti, Carlo Degli Esposti, Massimiliano Navarra, Luigi Pinto e Nicola Serra. Intérpretes: Eduardo Scarpetta; Vanessa Scalera; Massimiliano Caiazzo e outros. Roteiro: Filippo Gravino e Elisa Dondi. Netflix, 2025.

AQUI é o Meu Lugar. Direção: Paolo Sorrentino. Produção: Francesca Cima, Nicola Giuliano e Andrea Occhipinti. Intérpretes: Sean Penn; Frances McDormand e outros. Roteiro: Paolo Sorrentino e Umberto Contarello. Lucky Red; Medusa Film; Indigo Film; Eurimages; Pathé, 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil**. [Brasília]: Ministério da Saúde, 13 mar. 2025. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: mar. 2025.

CINEMA, Aspirinas e Urubus. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Sara Silveira, João Vieira Jr. e Maria Ionescu. Intérpretes: João Miguel, Peter Ketnath, Hermila Guedes e outros. Roteiro: Karim Aïnouz, Paulo Caldas e Marcelo Gomes. REC Produtores Associados; Dezenove Som e Imagens, 2005.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro; Marília Pera; Vinicius de Oliveira; Sônia Lira; Othon Bastos; Matheus Nachtergaele e outros. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S.I.]: Le Studio Canal; Riofilme; MAC Productions, 1998.

COLEGAS. Direção: Marcelo Galvão. Produção: Marçal de Souza. Intérpretes: Ariel Goldenberg; Rita Pokk; Breno Viola e outros. Roteiro: Marcelo Galvão. Gatacine; Europa Filmes, 2013.

DIDION, Joan. **O Ano do Pensamento Mágico**. 1ª edição. Duque de Caxias: Casa dos Livros, 2005.

JOAN Didion: The Center Will Not Hold. Direção: Griffin Dunne. Produção: Griffin Dunne, Annabella Dunne e Mary Recine. Intérpretes: Hilton Als; Joan Didion; David Hare e outros.. Netflix, 2017.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. 10ª edição. WMF Martins Fontes, 2017. Disponível em: <https://cursosextenso.usp.br/pluginfile.php/48564/mod_resource/content/1/Texto%20base.pdf>. Acesso em: dez. 2024.

LADERMAN, David. **Driving Visions: Exploring the Road Movie**. University of Texas Press, 2002. Disponível em: < <https://muse.jhu.edu/book/2901> >. Acesso em: jan. 2025.

MANSUR, Amanda. **O road movie nas rotas de fuga do árido cinema de Pernambuco**. XI Congresso Internacional da ABRALIC. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em : <https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/033/AMANDA_N

[OGUEIRA.pdf](#)>. Acesso em: mar. 2025.

MCKEE, Robert. **STORY: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. 1ª edição. Curitiba: Arte & Letras, 2006.

NA Estrada. Direção: Walter Salles. Produção: Nathanael Karmitz, Charles Gillibert e Rebecca Yeldham. Intérpretes: Sam Riley, Garrett Hedlund, Kristen Stewart e outros. Roteiro: José Rivera. American Zoetrope; MK2; Film4; France Télévisions; Canal+; Ciné+; France 2 Cinéma; Vanguard Films; IFC Films, 2011.

PAIVA, Samuel. **A PROPÓSITO DO GÊNERO ROAD MOVIE NO BRASIL1 Um romance, uma série de TV e um filme de estrada**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2009. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/237820079_A_proposito_do_genero_road_movie_no_Brasil_um_romance_uma_serie_de_TV_e_um_filme_de_estrada>. Acesso em: mar. 2025.

PEQUENA Miss Sunshine. Direção: Valerie Faris e Jonathan Dayton. Produção: Michael Beugg e Jeb Brody. Intérpretes: Abigail Breslin; Greg Kinnear; Paul Dano; Alan Arkin; Toni Collette; Steve Carell e outros. Roteiro: Michael Arndt. Fox Searchlight Pictures; Big Beach Films; Bona Fide Productions; Deep River Productions; Third Gear Productions, 2006.

Y tú mamá también. Direção: Alfonso Cuarón. Produção: Sergio Aguero, Alfonso Cuarón, Amy Kaufman, David Linde, Kelly Miller, Sandra Solares e Jorge Vergara. Intérpretes: Daniel Giménez Cacho; Ana López Mercado; Diego Luna; Gael García Bernal e outros. Roteiro: Carlos Cuarón e Alfonso Cuarón. Producciones Anheló; Alianza Films International; 20th Century Fox; IFC Films, 2001.